



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

MARIA DA PENHA LEITE

EXCLUSÃO DE MULHERES NO TEXTO BÍBLICO

JOÃO PESSOA - PB

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

MARIA DA PENHA LEITE

EXCLUSÃO DE MULHERES NO TEXTO BÍBLICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Abaurre Generre.

JOÃO PESSOA - PB

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

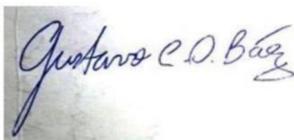
EXCLUSÃO DE MULHERES NO TEXTO BÍBLICO.

Maria da Penha Leite

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Maria Lúcia Abaurre Gnerre
(orientadora)



Gustavo César Ojeda Baez
(membro-externo/UFCG)



Fernanda Lemos
(membro-interno)

Aprovada em 15 de dezembro de 2020.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L533e Leite, Maria da Penha.

Exclusão de mulheres no texto bíblico / Maria da Penha
Leite. - João Pessoa, 2020.

70F

Orientação: Maria Lúcia Abaurre Gnerre.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Texto bíblico - mulheres. 2. Relações sociais. 3.
Exclusão feminina. 4. Misoginia. 5. Violência - mulher.
I. Gnerre, Maria Lúcia Abaurre. II. Título.

UFPB/BC

CDU

2-23-

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Abaurre Generre.

Aos membros da Banca examinadora: Profa. Dra. Fernanda Lemos e Prof.
Dr. Gustavo Cesar Ojeda Baez.

A todos meus familiares.

A todos aqueles que fizeram parte de forma direta e indireta, que me deram
força e apoio, os meus agradecimentos.

RESUMO

As relações sociais, ao longo dos anos, passaram por reformulações. Já os textos bíblicos permaneceram com sua aparência e essência iguais a como eram na época em que foram escritos. Assim, os textos bíblicos, especificamente as parábolas, foram e ainda são usadas para fins missionários, utilizando-se de estratégias literárias, como a sátira, para fazer as metas dos ensinamentos religiosos; que são narrativas que versam sobre o surgimento da existência humana, que se baseiam em mitos e lendas para justificar a existência do divino. No entanto, esses textos são responsáveis pela formação do imaginário social, contribuíram e contribuem para a naturalização da misoginia, violência e exclusão de mulheres, que foram identificadas nos textos. Nesta pesquisa, o texto bíblico foi usado como objeto de análise, leitura hermenêutica da exclusão feminina, na parábola “A mulher exemplar”. Para tanto, foram necessárias as contribuições de autores(as) que já escreveram sobre o assunto, os quais permitiram uma visão mais ampla dos fenômenos religiosos para dar uma importância de ensino, que contribua para a formação consciente de sua atuação, numa sociedade que se moderniza e se atualiza a cada minuto, graças às tecnologias de informação e comunicação. Discutimos sobre tais produções textuais, como a parábola, versículos, enfim, o texto bíblico; a contextualização histórica dos textos, dos fatos sociais, da história contemporânea. De acordo com as leituras dessas narrativas, das leituras de mundo e das pesquisas realizadas por autoras(es), é possível desconstruir certas visões já comuns e construir mensagens bíblicas que não contribuam para interpretações errôneas, que não validem a violência contra a mulher, que não incentivem a situação de submissão e subserviência por parte da figura feminina.

Palavras-chaves: Relações sociais. Texto bíblico. Exclusão. Misoginia. Violência sobre a mulher.

ABSTRACT

Social relations, over the years have undergone reformulations, whereas biblical texts have remained with their appearance and essence the same as they were at the time they were written. Thus, biblical texts, specifically parables, were and still are used for missionary purposes, using literary strategies, such as satire, to achieve the goals of religious teachings. Those are narratives that address the emergence of human existence, based on myths and legends to justify the existence of the divine. However, as these texts are responsible for the formation of the social imaginary, they have contributed and continue to contribute to the naturalization of violence and exclusion of women. In this research the biblical text was used as an object of analysis. For this purpose, contributions from authors who have already written about it were necessary, which allowed a broader view of religious phenomena, giving importance to education that contributes to the conscious formation of their performance in a society that every minute, updates its knowledge and modernization, thanks to information technologies. It was discussed about textual productions such as the parable, the historical contextualization of texts and contemporary history, because according to the reading of these narratives and the research carried out by other authors, it is possible to deconstruct certain already common views and develop biblical messages that do not: contribute to false interpretations, validate violence against women and encourage the situation of submission and subservience by the female figure.

Keywords: Social relations. Biblical texts. Exclusion. Violence against women.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 DISCUTINDO O FEMININO.....	19
1.2 METODOLOGIA	23
1.3 ALGUMAS TEORIAS SOBRE O GÊNERO FEMININO.....	24
1.4 O TEXTO BÍBLICO E A EXCLUSÃO	29
1.5 PROBLEMA	34
CAPÍTULO 2	37
2.1 CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO NA RELIGIÃO	37
2.2 DEUS, O CRIADOR DO UNIVERSO	38
2.3 QUEBRA DA ALIANÇA.....	39
2.4 PAPÉIS PARA DESEMPENHAR.....	40
2.5 A MULHER É EDUCADA PARA SERVIR.....	41
2.6 O HOMEM TEM PRIVILÉGIO RELIGIOSO	42
2.7 A INVISIBILIZAÇÃO FEMININA.....	43
CAPÍTULO 3	46
3.1 UMA LEITURA HERMENÊUTICA DA EXCLUSÃO FEMININA NA PARÁBOLA “A MULHER EXEMPLAR”	46
3.2 MARIA MADALENA, A MULHER QUE VIROU SANTA.....	50
3.3 O CRISTIANISMO PRIMITIVO	51
3.4 O JUDAÍSMO E ALGUNS RITOS DE PASSAGEM.....	52
3.5 JESUS, UM SER ANTROPOLÓGICO	53
3.6 JESUS E AS MULHERES.....	54
3.7 ANÁLISE DA CRISTALIZAÇÃO DOS DISCURSOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ASSOCIADOS AO CRISTIANISMO NA REALIDADE BRASILEIRA.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	647
ANEXOS	67

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa versa sobre a exclusão de mulheres no texto bíblico, que se apresenta de forma didática e dissimulada em ensinamentos religiosos por meio de parábolas, versículos, sermões e ações pedagógicas, com a finalidade de adestrar a espécie feminina e controlá-la de forma misógina. Essa atitude pode ser encontrada no universo religioso da maioria das religiões, tal viés de manipulação daquilo que deveria ser o papel feminino. Esta dissertação deseja responder a pergunta: Existe exclusão de mulheres na linguagem bíblica?

Esta pesquisa tem como objetivo geral: Encontrar elementos no texto bíblico, para reconhecer exclusão de mulheres na linguagem bíblica, que vem do ensino religioso, para descrever representações de relações sociais e gênero que se apresentam com características exclusivamente enaltecedoras da misoginia, com finalidade de conseguir mão de obra análoga à escrava. Já os objetivos específicos são: Contextualizar historicamente a exclusão de mulheres no texto bíblico, na contemporaneidade; Discorrer sobre o gênero feminino nos textos bíblicos, na opinião de vários autores; Analisar o texto “O Levita e sua concubina” para identificar misoginia; Realizar uma análise da parábola “A mulher Exemplar” para identificar as categorias sociais de submissão e subserviência; Observar nos textos como se desenvolvem alguns enunciados, que contribuem para identificação da misoginia e descrição de feminicídio em personagens no texto “O Levita e sua concubina”; Identificar personagens híbridos e midiáticos: Eva, Maria, mãe de Jesus, e Maria Madalena.

Nesse contexto, é importante destacar as ideias discriminatórias do apóstolo Paulo, sobre a mulher que se encontra na Bíblia Sagrada:

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas ao seu marido. Marido, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela. (EFÉSIOS, 5:22-25)

O apóstolo Paulo também pregava a dissolução da família tradicional da época, narrativa encontrada no livro de Nogueira (2018; p.83). Isto acontece no momento em que Paulo encontra Tecla e prega o evangelho para ela. Então o mundo dela mudou, e Tecla descobriu sua força interior, de saber o que queria ser. Neste contexto, também é importante ressaltar o que é dito sobre o tempo: “O passado e o presente precisam interagir mutuamente, mudando e desafiando o outro, o ideal é uma reação absolutamente justa e igual entre ambos” (Crossan, 2004, p.80). Este mesmo autor também comenta sobre antropologia de classe, de gênero e de resistência (p.195; p.203). O momento em que é descrita a sociedade camponesa, com seu estilo de vida inserida em um ambiente simbólico sociocultural, que faz parte da fé de todas as religiões, contribui para as discussões do que seja sagrado e profano nas mensagens, que são representações literárias e religiosas que fazem parte do fenômeno religioso, do misticismo religioso, e que exercem papel de campo de vivências sociais.

Podemos entender o sagrado e profano por relações sociais e as ações que compreendem aos padrões estabelecidos pela natureza humana e fazem parte do universo religioso, sagrado e místico dos fenômenos religiosos. Podem ser encontrados no aspecto da fé, que exercem o papel de campo de vivências sociais de uma época, momento em que a fé aparece como fato de um discurso religioso. Por incrível que pareça, é no universo do sagrado em que ocorrem os tipos de violência, pois, para agradar aos deuses, querendo permanecer no poder, alguns membros da religião cometem atitudes violentas sobre o ser humano, para conseguir manter as tradições religiosas.

As relações sociais passaram por reformulações, mas os textos bíblicos mantiveram a essência da época em que foram escritos. No entanto, os textos bíblicos, especificamente as parábolas, foram e ainda são usados para fins missionários, sempre se utilizando de estratégias literárias, como a sátira, para cumprir as metas dos ensinamentos religiosos, que fazem parte do sagrado para os crentes. Entretanto, o texto bíblico é uma narrativa escrita de forma polissêmica^{1,2} que proporciona diversas constatações, as quais podem ser vistas nas leituras das

¹ Os conceitos de polissemia e dialogismo foram usados por Bakhtin (1999), para compreender e identificar as vozes presentes no texto, na prática dos falantes. Sugiro a leitura do livro “Marxismo e filosofia da linguagem”.

² STAM, Robert. **Da teoria literária à cultura de massa**. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992. Ler o texto “Dialogismo e filosofia da linguagem”, p.72.

mensagens. Com isso, é possível perceber as ações das personagens bíblicas, que denominamos de relações sociais, responsáveis pelas narrativas, e servem para construção e desconstrução textuais, ideologias e segmentos religiosos.

As relações sociais e o texto bíblico contextualizam-se historicamente, com características de escritas de sua época. Esse tipo de texto contém uma linguagem satírica, como as parábolas, que tem fins educativos e são usadas para pregações religiosas nos ensinamentos religiosos, com características da hermenêutica e dialogismo entre emissor e receptor de mensagens do campo religioso, praticadas por duas classes, uma dominante e outra dominada, compostas de representações sociais de pessoas e instituições que praticam relações e ações sociais. Nessas relações, existem as ações que podem ser denominadas de inusitadas, pois despertam curiosidade em construir e identificar novos valores culturais resultantes de questionamentos que acreditam que o maior responsável pela natureza humana são os próprios seres humanos.

Essa forma de pensar faz oposição aos enunciados que desprezam a natureza física para a construção da natureza humana, por meio de um ser sobrenatural, e procura tecer explicações por meio da religião, por exemplo: “Deus insuflou em suas narinas o hálito e criou o homem (Adão); e considerando a criação incompleta, Deus fez o que significa a mulher (Eva) e a instituição do matrimônio” (Gen. 2,24). Tempos depois, Deus criou Maria, a mãe de Jesus, que também originaria a vida por meios espirituais, por obra e graça do divino Espírito Santo.

A Bíblia, enquanto obra literária, religiosa e educacional, pode incentivar na mulher comportamentos submissos por meio do medo, culpa e Introspecção. Esses argumentos são contrapostos no ensaio de Roy (1995; p.32), quando a autora dá uma explicação direcionada ao campo da fraternidade e enfatiza passagens da Bíblia inspirada no capítulo Gen. 2:25, dando um significado diferente aos nomes de Adão e Eva³, que em Hebraico querem dizer *Hischa* = varão e *Hischa* = ela. Tal igualdade em termos tem relação direta com a interpretação de irmandade e semelhança entre ambos.

A afirmação sobre a mulher ser criada da costela de Adão significa uma irmandade indivisa. Adão sai da solidão e contempla, vislumbrado, a epifania da

³ Nesse primeiro parágrafo, o conceito de mulher seria a mulher enquanto filha de Deus, com imagem e semelhança na fé, pois na fé existe a gratuidade. Em Cant. 4.1., a mulher seria Sulamita ou Maria Madalena que não possuem comportamento submisso.

Presença de Deus no rosto de sua possível amada; “irmã minha”. “Nus e não se envergonhavam na infinita beleza do infinito que os envolve”. (Gen. 2,25)

O parágrafo acima simboliza e representa a irmandade entre os seres criados por Deus e faz parte do universo da criação da humanidade que estão narrados no texto bíblico.

Neste contexto se encontram as parábolas que são textos bíblicos, que foram e ainda são usadas para fins missionários, sempre se utilizando de estratégias literárias, como a sátira, para cumprir as metas dos ensinamentos religiosos. São narrativas que versam sobre o comportamento e surgimento da existência humana, baseando-se em mitos, lendas e mágicas para justificar a existência do divino e da religiosidade.

No entanto, os textos bíblicos podem ser responsáveis pela formação do imaginário social, da cultura popular, e às vezes podem ser responsáveis pela formação do imaginário erudito. Os que fazem parte desse imaginário eram usados por variadas classes sociais. (NOGUEIRA; 2018 p. 62-63)

As práticas mágicas são uma forma de religiosidade ancestral, vinculada à religião. Está presente desde a pré-história até as sociedades atuais, inclusive no Brasil. Este tipo de religiosidade faz parte de um acervo cultural documentado em papiros, que existia especialmente na sociedade egípcia e no Império Romano, bem como nas literaturas grega e latina.

Nesta época, existiam obras que dedicavam seus enredos a magos e ao tema da magia. Até mesmo a parábola quando é lida tem seu momento de magia. Quando o receptor da mensagem entende o significado do que foi dito, então ocorre um momento mágico, encantatório no tempo vivido, na narrativa bíblica.

Neste universo, um autor importante é Campbell (2014, 263) quando ele discorre sobre esses temas da religiosidade e mitologia, e os principais ritos dos povos primitivos das sociedades primitivas, que eram praticados por homens e mulheres. Quando ele fala sobre as principais sociedades primitivas, está se referindo aos registros históricos de sociedades matriarcais que viveram no período paleolítico e neolítico, indo desde os ritos arqueológicos na Turquia, até a famosa sociedade minoica na Grécia, que teria se organizado de forma matriarcal na ilha de Creta. Neste sistema organizacional, a mulher dominava o clã e o homem possuía uma função secundária. Mas a situação mudou, quando os homens começaram a reunir forças e derrubaram o sistema de liderança feminina.

Nessa época, existia o culto à lua, que representava a divindade feminina. Então, a presença da espécie feminina na liderança foi substituída pela da espécie masculina, e neste momento começaram a cultuar outras divindades, como, por exemplo, o sol que é masculino. (Campbell, 2014, p.263)

Com esta nova forma de culto, possivelmente surgem a ascensão do patriarcado, a exclusão, o machismo, a discriminação de gênero, a transfobia, a misoginia, que existem nas narrativas e nas interpretações de quase todas as religiões. E as delimitações de rituais e espaços que invisibilizam vidas humanas que também existem no universo imagético da parábola “A mulher exemplar”, e do texto “O Levita e sua Concubina”, quando é sugerido que a espécie feminina seja ligada às categorias sociais de submissão e subserviência; temos um claro sinal de que está em vigor uma visão misógina incidindo sobre a espécie feminina.

Mas tudo isto está ligado à temporalidade da vida, e para explicar esta temática é preciso considerar o que diz Crossam;(2004; p.80) sobre a questão da temporalidade. É possível afirmar que o presente e o passado precisam estar juntos para a construção de algum fato novo. Inspirando-se neste argumento, é possível misturar textos antigos com novos, fazendo uma fusão de conhecimentos, que contribua para a não discriminação da espécie feminina, e passe a contextualizar historicamente os fatos numa atitude comparativa e interativa do tempo.

Para nossas discussões sobre a exclusão e violência das mulheres, começaremos com uma passagem bíblica do texto “O levita e sua concubina” (Anexo 1). Eis a narrativa sintetizada:

Um homem da tribo de Levi estava viajando com uma mulher e os jumentos e tinha como destino a região montanhosa de Efraim. Chegaram à cidade de Gibeá, que fica no território de Benjamim, no país de Israel. Temporariamente o sol estava indo embora, então o homem decidiu ficar na cidade de Gilbeá. Era noite, “pararam ali para passar a noite, sentaram-se na praça da cidade, mas ninguém se ofereceu para hospedá-los. Mais tarde um idoso se ofereceu para ajudá-los, e perguntou de onde eram? E pra onde iam? O homem respondeu: “Estamos viajando de Belém para Judá, vamos para um lugar afastado, que fica na região montanhosa de Efraim, onde moro. Ninguém quis nos hospedar, embora tenhamos tudo o que precisamos; temos palha e forragem para os jumentos e bastantes vinhos para nós”. Então o idoso disse: “Vocês são bem vindos na minha casa, darei o que vocês precisarem. Não passem a noite na praça, de jeito nenhum”. Chegaram na casa do idoso, lavaram os pés comeram, beberam e ficaram alegres. Mas um grupo de homens perversos da cidade cercou a casa e bateram na porta e gritaram para o velho: “Traga para fora o homem que está hospedado com você para

que tenhamos relações com ele”. Então o idoso saiu e disse: “Não, meus irmãos, não façam tamanha maldade. O homem é meu hóspede em minha casa, e uma coisa dessas seria uma vergonha. Tomem minha filha virgem e a concubina do homem. Eu as trarei e vocês poderão violentá-las e fazer o que desejarem, mas não façam uma coisa vergonhosa com meu hóspede”. Os perversos não deram atenção ao idoso, então o homem empurrou sua concubina, e eles abusaram dela e a estupraram a noite toda. Quando o sol chegou, os perversos soltaram a mulher, que foi encontrada pelo marido junto à porta da casa. O marido disse:” Levanta-se, vamos embora”. Ela não respondeu pois estava morta. Então o marido levou o corpo para dentro da casa, desmembrou-a, cortou o corpo em doze partes e enviou uma parte para cada tribo em todo o território de Israel. (JUÍZES, 2013, p. 341)

Este texto é um exemplo de representação da violência praticada com a espécie feminina, que foi entregue pelo companheiro para que sofresse estupro e feminicídio. Este trecho faz parte das narrativas misóginas que representam uma parte da sociedade israelita. Suas ações são provenientes de valores culturais arcaicos violentos, pois como disse o personagem idoso, seria uma vergonha o hóspede manter relações sexuais com o perverso. No entanto não seria vergonhoso oferecer a concubina e a filha (existem narrativas bíblicas que dizem que, quem entregava mulheres para serem estupradas, ganhava dinheiro). Será que o idoso fazia parte deste sistema de exploração sexual feminina, para serem estupradas e violentadas pelos homens perversos? Será que essas ações seriam uma prática comum? Não sabemos, pois nossa pesquisa não chegou até este momento de investigação. Apenas sabemos que a concubina serviu para suprir as necessidades dos misóginos, que odeiam as mulheres apenas pelo fato delas serem mulheres.

Temos outras narrativas que nos permitem conhecer outros tipos de exclusão e violências com a espécie feminina, que compõem os textos bíblicos. Frases que estão nos capítulos Levítico, Timóteo, Efésio, Aquino são textos exclusivos que se referem às mulheres, enunciados, que são encontrados nas parábolas, provérbios, versículos. Enunciados do apóstolo Paulo e Tomás de Aquino que tinham o poder de divulgar a religião por meio da submissão e subserviência, que são categorias sociais que movimentam o escravismo.

11. As mulheres devem aprender em silêncio, com toda a submissão.
12. Não permito que as mulheres ensinem aos homens, nem que tenham autoridade sobre eles. Antes, devem ouvir em silêncio.
13. Porque, primeiro Deus fez Adão e, depois Eva.
14. E não foi Adão o enganado. A mulher é que foi enganada, e o resultado foi o pecado.

15. Mas as mulheres serão salvas dando à luz filhos, desde que continuem a viver na fé, no amor e na santidade com discrição. (TIMÓTEO, 2:11-15, Bíblia sagrada, p.1513)

O texto, cujo título é “Instruções e respeito do culto”, faz parte dos discursos de Paulo, apóstolo que deu continuidade aos ensinamentos de Cristo, quando morto. É um conjunto de argumentos que significam a submissão e subserviência e autoritarismo que mais reflete o momento histórico que a escrita representa, quando Jesus dá poderes a Maria Madalena como apóstola dos apóstolos. Então, quando Jesus foi morto, Paulo assume a liderança sobre o cristianismo.

Este texto pode simbolizar a resposta de Paulo a Maria Madalena, que estava liderando um grupo de apóstolas. Então Paulo responde assim: “Não permito que a mulher ensine nem aprenda”. Essas devem ser as instruções práticas que as mulheres devem seguir. Além disto, o texto representa a opressão, subjugação que as mulheres devem seguir, que faz parte de alguns valores culturais religiosos, opressões da época. O problema é que este discurso, em algumas religiões, ainda é usado no século XXI e funciona como ensinamentos do discurso religioso autoritário. Quem escreve muito bem sobre o discurso religioso é RICOUER; (2006, p.25, 29, 30, 293), quando fala do discurso religioso que possui apologia didática e componentes dogmáticos. Portanto, quando ensinamentos religiosos penetram na mente das pessoas com a finalidade de persuadir o ouvinte, por meio das mensagens religiosas, e dependendo do nível de absorção dessas mensagens bíblicas, talvez não seja eficaz para a humanidade. No caso das parábolas, a questão é restringir, delimitar as oportunidades da vida, porque na vida não existe fórmulas prontas, os fatos vão acontecendo, e a Bíblia é formada de narrativas, sagradas e profanas, apesar de ambas usarem a mesma linguagem.

Tantas outras falas são análogas hodiernamente ao âmbito do ideário da narrativa bíblica que fazem parte do problema da linguagem bíblica machista, e da educação inspirada no pátrio poder autoritário, que vem do confucionismo, no qual quem lidera na família são os seres do sexo masculino, que precisa ser reformulada. Isto está gerando certo desconforto intelectual nas mulheres, pois, de tanto escutarem que devem obedecer a seus pais, algumas, mesmo adultas, continuam obedecendo e mantendo um comportamento de compulsão mental, sem iniciativa. No momento em que precisam decidir algo importante em suas vidas, apelam para os pais, marido, filhos, irmãos, mesmo sabendo que estes podem ser inferiores culturalmente e que a

orientação não seja aquela esperada, podendo, por vezes, até prejudicar a vida deles e a de seus descendentes.

As ciências contemporâneas aboliram diversos preconceitos pseudocientíficos, existindo até quem afirme “o essencial do ser humano está no cérebro”. Nunca foi comprovado cientificamente a inferioridade do cérebro feminino, nem a superioridade do cérebro masculino. No entanto, São Tomás de Aquino (BÍBLIA SAGRADA, 1994) já afirmava “a mulher é a melhor companheira do homem, somente para as funções de procriação. Em outras atividades, a companhia masculina é a melhor”.

Muitas ideias sobre a espécie humana já superaram as teses de São Tomás de Aquino e do apóstolo Paulo, mas até hoje existem adeptos destas opiniões que colocam as mulheres e seus quocientes de inteligência em situação de desigualdade, porque é inerente a quem defende a opressão entre os seres humanos, deixar uma espécie humana rente ao chão para sobressair-se, seja cultural ou socialmente. Até as leis evoluíram com relação à posição da mulher nas sociedades.

Além disso, quando nasce um ser humano do sexo masculino e outro do sexo feminino, mesmo quando são gêmeos, seus quocientes de inteligência podem se desenvolver com potenciais iguais, independente de sexo. É necessário indagar por que, ao longo de sua existência, algumas mulheres são consideradas “seres frágeis”. O que é ser frágil? O que torna um ser inteligente é a prática de seus potenciais em atividades diversas. Se alguém não exercita o cérebro, este tende a não se desenvolver. Será isto o que esta acontecendo com algumas mulheres, que vivem uma situação de inatividade mental, pois os ensinamentos religiosos podem influenciar a culpa, o pecado, a submissão e subserviência?

Quais são as condições materiais, espirituais e sociais que produzem pessoas com essas características? Sabe-se que geralmente a arte de educar os filhos é atribuída à competência da mãe (nesse sentido nossa constituição já evoluiu e garante direitos iguais para ambos). Isto não impede, todavia, que existam homens tão capacitados nesta difícil arte que é a educação dos filhos(as). Até nas separações dos casais, é dado aos filhos o direito de escolher com quem desejam ficar, desde que um dos cônjuges tenha mais competência para essa atividade.

É interessante estudar a seguinte contradição. Mesmo reconhecidas no direito, dever e competência para educar os filhos, algumas mulheres reforçam a ideologia da submissão: Será que elas levam a sério os ensinamentos religiosos bíblicos, pois

consideram conveniente um comportamento que as mantém em uma situação subalterna, pois foram educadas para obedecer e servir ao senhor? Não que servir ao próximo seja ruim, depende da forma como é feito. Anular-se para servir ao próximo é violentar-se.

Até as leis que garantem a participação feminina, na sociedade brasileira, são recentes. Isto é comprovado, segundo Rodrigues (2003; p.55), no momento em que é discutida a questão de gênero e classe no contexto do trabalho do ensino. Apenas em 1950, no Brasil, a mulher foi considerada cidadã, época em que adquiriu o direito ao voto. Antes ela fazia parte das minorias incapazes (as crianças, os negros e os índios).

Depois que este direito foi angariado, em 1962, foi criado o estatuto da mulher casada, que a tornou subordinada ao marido, o líder da família, ou seja, a mulher só mudou de senhor, a quem devia obedecer.

Em 1988, na Constituição Brasileira, a mulher foi colocada em nível de igualdade ao homem, isto perante a lei, porque as relações sociais e amorosas e os “papéis sociais” não mudam com tanta facilidade. É preciso muito tempo para mudar as estruturas sociais existentes, porque valores culturais são fatores que se repetem para futuras gerações, são disseminados com facilidade e fazem parte da educação formal e informal.

Outro fato importante foi a criação da “Lei Maria da Penha”, no Brasil em 2006, uma lei que foi objeto de luta de uma vítima da violência doméstica que ficou paraplégica. A Lei nº 11.340 foi sancionada em 7 de agosto de 2006, a fim de atender milhares de mulheres que sofrem algum tipo de violência, “cria mecanismos para coibir, prevenir, punir, erradicar a violência contra a mulher”.

Esta lei foi criada com respaldo no Art. 226, parágrafo 8º da Constituição Federal de 1988, que dispõe que “o Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações”.

A violência cometida contra a mulher é dada pelas relações de poder e dominação e nas relações de gênero que evidenciam a hierarquia e as desigualdades sexuais. É neste quadro que acontece a violência de gênero, afetando principalmente a mulher independente de classe social, raça, religião, etnia, grau de escolaridade ou idade.

A Lei Maria da Penha (BRASIL, 2016) define que as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher são:

- Violência física: qualquer ato que agride a integridade física da mulher, como socos, tapas, pontapés, empurrões, entre outros, e também a utilização de armas brancas ou de fogo.
- Violência psicológica: qualquer ato que cause dano emocional, que diminua a autoestima, limite a liberdade e não deixa marcas visíveis prejudicando a saúde psicológica.
- Violência sexual: qualquer ato que obrigue a mulher a participar, presenciar ou manter relações sexuais não desejadas.
- Violência patrimonial: qualquer ato que cause dano, retenção ou destruição dos objetos e documentos pessoais.
- Violência moral: qualquer ato que ofenda, insulte ou que acuse falsamente sua integridade moral. (BRASIL, 2016)

Portanto, temos as leis, mas a violência continua ocorrendo, pois os valores culturais, segmento das tradições, são difíceis de mudar:

Ter a capacidade física, moral e econômica de “assumir” todas as responsabilidades destinadas ao seu gênero confere ao homem ganho e acúmulo de capital simbólico significativo perante a família, o Estado e a religião. Da mesma forma que o não cumprimento desses “encargos” o destitui dos atributos considerados fundamentais para sua representação de gênero perante a família. (LEMOS, 2008, p.9)

De acordo com a citação acima, o fator econômico influi nas relações familiares, que se apresentam de forma frágil. Quando o fator e o poder econômico desmoronam, a estrutura familiar, que é construída apenas com base nestes valores culturais e sociais, centralizados apenas no masculino, torna as relações familiares mais frágeis. Então a mulher que não lidera a família tem dificuldade de interferir nas decisões, e sua representação familiar fica inexistente neste momento.

São tantas vozes na escrita que representam a sociedade, que repetir frases como a do apóstolo Paulo e centralizar a família apenas no homem, contribui para formas de se referir excluindo e discriminando a mulher. Podem colaborar para um grande problema quando se seguem os ensinamentos bíblicos exclusivos, tal qual se apresentam em sua questão semântica, sem se preocupar com o contexto histórico em que foram escritos (que talvez, não se adequam ao contexto atual). Podem contribuir para a banalização e naturalização de uma cultura de discriminação social e violência contra a mulher.

O entendimento da construção social da masculinidade sob o crivo religioso é pertinente para os estudos feministas e de gênero. Pois, evidenciou nas relações de gênero, qual o papel das representações sociais da mulher e das masculinidades ditas “subalternas” na igreja e

na sociedade, ou melhor, “não papel” e o “não lugar” desses sujeitos. (LEMOS, 2002, p.4)

O texto de Lemos é uma escrita dialética, portadora de várias vozes que despertam sobre a existência da “violência e religião”. Sua leitura permitiu perceber que as construções da feminilidade e da masculinidade são dispares. A masculinidade, são atribuídos qualidades e poderes que se assemelham aos deuses; já à feminilidade são atribuídas funções inferiores. O texto é uma linguagem erudita que fala de problemas sérios, que existem na religião e no mundo.

1.1. DISCUTINDO O FEMININO

As mulheres passaram por um processo de grande transformação desde as antigas civilizações até hoje. Na Grécia, por exemplo, a posição da mulher era igual à dos escravos, e estas eram responsáveis pelos trabalhos manuais, como fiação, tecelagem, prover alimentação e agricultura; em outras palavras, se envolviam com a subsistência do ser humano. Além disso, elas eram responsáveis pela reprodução da espécie humana. Quando as mulheres exerciam atividades artísticas, era para agradar aos homens, visto que elas não tinham direito à educação formal e ao mundo do pensamento intelectual.

Durante sua existência ao longo da história, as mulheres não baixaram a cabeça diante da exclusão. Como modelo disto, temos o caso da escritora Safo, nascida em Lesbos, que viveu por volta de 600 anos antes de Cristo, e criou o primeiro Centro de Formação Intelectual da Mulher. Quase dois milênios depois, na Baixa Idade Média, em Frankfurt, surgiu uma escritora francesa, Christine de Pisan (viveu 1400 depois de Cristo), que se tornou a primeira mulher a ser indicada poeta oficial da corte francesa, sendo ainda autora do primeiro tratado feminista, intitulado “A cidade das mulheres”. Esta poeta ainda sustentou dois irmãos e três filhos e não era vista como um ser frágil; já representando social e culturalmente uma nova Mulher e uma forma diferente de organização social no que se refere ao gênero feminino.

Durante a Idade Média, antes da introdução dos princípios da Legislação Romana, as mulheres gozavam de alguns direitos garantidos pela lei e pelos costumes. Quase todas as profissões eram-lhes acessíveis, bem como o direito à propriedade e de sucessão, e exerciam atividades políticas. Em 195 D.C., elas iam ao Senado Romano protestar contra a sua exclusão dos transportes públicos.

(ALVES, 1980, p.33)

Apesar de existirem casos de mulheres que tiveram uma participação ativa durante a Idade Média, alguns autores enfatizam a ideia transmitida pelo romantismo da cavalaria medieval: a de uma mulher frágil indolente, entretida entre bordados e bandolins. Fatos que não correspondem à história da maioria das mulheres, principalmente no que diz respeito às mães, pois a doutrina da grande mãe compôs uma etapa fundamental na evolução do ser humano como indivíduo e grupo social, influenciando a totalidade do universo.

Se tomarmos como base nossas antepassadas, perceberemos que existiam tradições pagãs que celebravam os ciclos da natureza (mãe) e reverenciavam as divindades pré-cristãs que cultuavam a tradição Wicca, que era herdeira dos cultos à grande mãe, grande deusa, fecunda, amorosa, provedora, também representada pela lua em três fases: na crescente é a mulher virgem; na fase cheia é a mãe; e na minguante é a anciã (sábua).

Neste momento, estamos nos referindo ao período paleolítico, época de adoração das deidades da natureza (sol e a lua), de nomadismo e igualitarismo entre o homem e a mulher. Mas, quando esse homem entendeu que poderia acumular propriedade comunitária, cultivada pelas mulheres (época do matriarcado), deu-se o início à ascensão do poder masculino e da sociedade patriarcal. Daí em diante, o culto à lua foi substituído pelo o culto ao sol, ressaltando o poder masculino, encarnado na imagem de deus guerreiro, portador da luz e da razão suprema.

Nessa nova estrutura de poder, que perdurou por muito tempo depois do paleolítico, a sensibilidade, o sentimento, a imaginação e a intuição, qualidades (consideradas) do universo feminino, perderam importância para o raciocínio lógico, a técnica e as leis inspiradas no cientificismo, e pelas ideias do mundo antigo.

No decorrer da linha do tempo da história, ocorreram, então, diversas violências em relação às mulheres, que foram acusadas de satanismo. A Igreja mandou queimar 900 bruxas⁴ e, quando Lutero e Calvino assumiram o poder (simbolicamente, a partir de suas ideias disseminadas), estabeleceram um dia de “caça às bruxas”. (NICOLAS, 1590, p.446) Até hoje, em diversos países, comemorase este dia como se fosse algo bom. Muitas pessoas esquecem que a caça às bruxas

⁴ Bruxas foram mulheres sábias que entendiam de manuseio de ervas e porções mágicas. Elas eram úteis à sociedade que vivia.

significa a morte de algumas mulheres, deliberadamente, por ação que hoje podemos enxergar como misógina exercida naquela época.

Em Bigorre (França), existiu o sufrágio universal, e as mulheres, quando proprietárias, participavam das discussões da comunidade. Há registros de mulheres exercendo tarefas ditas masculinas, com presença em carpintarias e serralharias; elas participavam do comércio com seus maridos e permaneciam como comerciantes depois da morte deles. Muitas vezes exerciam estas atividades, independentes de seu estado civil. Entretanto, o trabalho feminino sempre recebeu remuneração inferior ao do homem.

No ano de 1344, em Londres, a corporação de alfaiates proibia seus membros de empregarem mulheres que não fossem suas esposas ou filhas, o que já consiste em uma atitude de invisibilização feminina.

A posição de mulher e de mãe passou por um processo de avanço e recuo, porque durante o feudalismo, algumas mulheres ocupavam espaços de atuação política e em diversas profissões. Com o renascimento e a reintrodução da legislação romana, os espaços vão se delimitando e a mão de obra feminina fica bastante injustiçada, pois apesar de executarem o mesmo trabalho e terem responsabilidade de manter uma família, a mulher viu-se em situação de exploração tanto financeira, quanto nas relações familiares, porque foram criadas leis que pregavam a discriminação e a sua submissão.

O mais lamentável eram os discursos de pessoas ditas intelectuais da época, como Jean Bondim (1530-1596), que estigmatizavam a mulher como inferior e impura porque estava menstruada, colaborando com a justificativa ideológica de sua desvalorização, e repercutindo efeitos no ambiente familiar e educacional.

Depois de muito tempo, a ideia de igualdade de direitos para a mulher no nível religioso ainda era intolerável. Com a tão famosa Revolução Francesa, foram criados decretos que estabeleciam padrões de comportamentos para a mulher e definiam o horário que deveriam ir e vir do ambiente extra doméstico, por exemplo:

Decreta-se que todas as mulheres se retirarão, até a ordem contrária, a seus respectivos domicílios; se após a publicação do presente estiverem nas ruas, agrupadas em número maior de cinco, serão dispersadas por força das armas e presas até que a tranquilidade pública retorne a Paris" (ALVES, 1980, p.33).

Algumas mulheres eram consideradas prostitutas, com isso, limitava-se o espaço feminino e estabeleciam-se novos padrões. Essas ideias foram elaboradas

pelo principal ideólogo da Revolução Francesa: Jean Jacques Rousseau, que ditava normas para as mulheres:

Toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhes útil, a fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil e agradável, são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância". (Jean Jacques ROUSSEAU, 1762, p.116)

Algumas mulheres feministas combatiam estas ideias, por exemplo, Mary Wollstonecraft que denunciava a opressão e escrevia sobre defesa dos direitos da mulher. Depois surgiram os movimentos em defesa da mulher, efervescendo diversos movimentos por melhorias salariais, que tinham o objetivo de conscientizá-las sobre a situação de opressão em que viviam.

Os decretos sobre a dominação e opressão da mulher eram como um legado, um estigma de opressão, que era transmitido de pai para filho. Na história das mulheres, sejamos mães, companheiras, esposas, irmãs, colegas, não há muito para ser comemorado, apenas sofrimento e dor. Até mesmo seu dia simboliza uma triste data: no dia 8 de março de 1813, mais de cem operárias de uma indústria têxtil de New York foram assassinadas porque se negaram a fazer uma tarefa e cumprir uma jornada de trabalho que estava além de sua resistência. Nesta data comemorase o Dia Internacional da Mulher.

Segundo RICHARD; (2002, p.156), a "crise dos sujeitos" não afetou somente o sujeito masculino, tido como universal, mas também as mulheres deste século, que não querem mais ser apenas iguais aos homens, pois algumas já gozam dos avanços conquistados por mulheres de outras gerações. Hoje deveria ser quase natural a liderança feminina, como já foi na época do matriarcado, apesar da maioria das famílias ainda ser controlada pelos pais.

É lógico que as instituições que antes detinham o poder de ditar comportamentos, ainda fazem oposição à libertação da mulher que trabalha fora de casa. Esse é o caso da Igreja Católica, representada pelo Papa João Paulo II, que julga a fragilidade de algumas famílias devido à saída da mulher do ambiente doméstico. Isto faz parte da psicologia da culpa, conforme Studart; (1972, p.10). No entanto, a saída da mulher para o trabalho é uma necessidade primária, pois ajuda na manutenção da família, sobretudo quando elas são as responsáveis pela família

matriarcal. E quando o salário masculino não dá para suprir as necessidades primárias da família?

Atualmente estamos no segundo semestre de 2020, e os meios de comunicação de massa noticiaram o abuso sexual de uma criança de dez anos, cometido pelo esposo de sua tia, na cidade de Aracajú, em Sergipe (Brasil). Nesta cidade, ela recebeu autorização garantida por lei para retirar o feto, mas os médicos alegaram não ter condições de fazer o aborto, então ela foi para Pernambuco e conseguiu ter o procedimento realizado. Segundo reportagem dos meios de comunicação de massa da TV Cabo Branco, na Paraíba, houve manifestação, composta de pessoas e líderes religiosos que se posicionaram contra o aborto, pois eram a favor da vida do feto. Ninguém se importa com a criança de dez anos com um bebê para criar?

Esta pequena contextualização histórica, feita sobre a trajetória da espécie feminina, tem o objetivo de demonstrar que a história de vida das mulheres é feita de lutas e de conquistas sociais que servem de exemplo para que não se baixe a cabeça para a exclusão e discriminação que lhes são impostas, sobretudo, àquelas com raízes religiosas, o que foi discutido no presente texto.

1.2. METODOLOGIA

Para a construção desta pesquisa, utilizou-se um método interdisciplinar bibliográfico, histórico, com uma abordagem analítica dos textos, visando estabelecer a intertextualidade entre as ideias dos textos bíblicos e as ideias dos autores.

O texto “O Levita e sua concubina” foi utilizado para identificação, discussão sobre a misoginia e feminicídio.

O texto “A mulher exemplar” foi abordado para análise hermenêutica e reconhecimento de categorias sociais de submissão e subserviência.

Leitura e análise dos discursos do apóstolo Paulo, para comentar sobre as narrativas bíblicas “sagradas”, pois esta é a função do seu discurso, ditar regras comportamentais para a espécie feminina, para alcançar submissão e subserviência e mão de obra escrava. Isto já é uma exclusão, por meio da autoridade de pregador do evangelho.

Levantamento histórico sobre a existência das mulheres e sua trajetória de vida.

Leitura e produção textual sobre o livro “Maria Madalena revelada: a primeira apóstola e seu evangelho feminista” para compreender e conhecer “Os sete poderes”: Primeiro poder: Escuridão; Segundo: Ânsia; Terceiro: Ignorância; Quarto: Anseio pela morte; Quinto: Escravidão ao corpo; Sexto: A falsa paz da carne; Sétimo: A compulsão de Raiva). Conhecer um pouco da história de vida de Maria Madalena e de Jesus de Nazaré; estabelecer a intertextualidade para entender que Maria Madalena foi uma personagem inteligente que serviu e seguiu Jesus de Nazaré, e viveu entre os apóstolos. Ela conseguiu fazer, inclusive, um evangelho que teve as páginas rasgadas, para que ninguém soubesse seu conteúdo.

Relacionar as temáticas de exclusão com a educação reflexiva, para diminuir as desigualdades sociais.

Finalmente elaboração dos capítulos: Capítulo 1 – Introdução (visão geral da pesquisa); Capítulo 2 que fala sobre crítica e interpretação na religião; Deus, o criador do universo; Quebra da aliança; Papéis para desempenhar; A mulher é educada para servir; o Homem tem privilégio religioso; A invisibilização feminina; Capítulo 3: Título dos textos: Uma leitura hermenêutica da exclusão feminina na parábola “A mulher exemplar”; Maria Madalena, a mulher que virou Santa; O cristianismo primitivo; O Judaísmo e alguns ritos de passagem; Jesus, um ser antropológico.

Finalmente, para ler e dialogar com autores que escrevam sobre a temática proposta de exclusão de mulheres no texto bíblico.

1.3. ALGUMAS TEORIAS SOBRE O GÊNERO FEMININO

Vários autores conceituaram o termo gênero, por exemplo, no livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir. Foi escrito quando as discussões acerca do feminismo ainda não estavam tão acaloradas, serviu como pontapé inicial sobre o tema. Ao afirmar: “[...] emprego da palavra mulher ou feminino, não me refiro evidentemente a nenhum arquetípico, a nenhuma essência imutável, a maior parte, de minhas afirmações cabe subentender no estado atual da educação e dos costumes” (BEAUVOIR, 2001, p.9), a autora descreve a existência feminina observada, a qual difere da mulher do século XXI. Ainda, segundo Beauvoir, interessa para nós o seguinte pensamento:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de

feminismo. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 2001, p.9)

Por outro lado, Butler (2003, p.23) apresenta a teoria Queer, voltada para lésbicas, gays e transgêneros, sendo ainda uma abordagem diferente sobre gênero, a qual desconstrói a noção beauvoriana de feminilidade. Segundo a autora, em termos comportamentais, existem homens que se identificam enquanto mulheres, e mulheres que se identificam enquanto homens, não sendo considerados os padrões binários (homem/mulher; masculino/feminino), portanto, são os transexuais. É importante lembrar que, com este título: “Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade”, Butler, (2005, p.179) desconstruiu o conceito de gênero no qual estava baseada a teoria feminista de Beauvoir, que consistia em: “A divisão de sexo/gênero funciona como uma espécie de pilar fundacional da política; feminista e parte da ideia de que sexo é natural e o gênero é socialmente construído.” Então Butler (2005, p.27) fez uma desconstrução e afirma: quem garante que o ser construído (sujeito) seja uma fêmea? É neste momento que entra a discussão dos LGBT's (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero).

De acordo com Castells; (2000, p. 169), as conquistas do movimento feminista afetam tanto as instituições públicas, quanto as de esfera privada, transformando as instituições e influenciando atitudes e comportamentos. As influências aconteceram no universo acadêmico, quando os estudos acerca da mulher ganharam força, questionaram modelos, expuseram contradições teóricas e interesses das instituições que omitiam as mulheres ou as consideravam inferiores.

Os estudos sobre a mulher propuseram novos temas, modelos, conceitos e impuseram novas formas de fazer as ciências sociais, passando a reivindicar e elaborar teorias, graças às reflexões filosóficas de militantes, com aspirações sociais do movimento feminista, nas sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento, que significam vozes de reivindicações e vigilâncias, com esperança de dias melhores.

Portanto, as teorias feministas mudaram e desenvolveram-se notavelmente desde a década de 1980, e os temas que as teorias abordavam são muito diferentes daqueles que surgiram dos movimentos da década de 1960. Enquanto estes consideravam o feminismo como um movimento preocupado principalmente em igualar as chances de vida de homens e mulheres, atualmente as teorias feministas questionam também o que são ser homens e mulheres (porque alguns homens se dizem e se comportam como mulheres, e algumas mulheres se comportam como

homens). Existe de fato um ser essencial que representa o gênero? A principal questão para as teorias feministas contemporâneas pode ser: se essas questões são capazes de se conectar com as vidas de mulheres nas sociedades em que vivem. Além disso, as pessoas transexuais estão reivindicando seus direitos de serem mulheres e homens, ou melhor, reivindicam o direito de serem o sexo que se reconhecem ser, pois existem leis que amparam suas orientações sexuais.

O século XXI caracteriza-se pelo aumento da participação e ascensão das mulheres nos diversos setores da sociedade. No entanto, na medida em que aumenta a participação feminina, também aumenta a violência sobre ela. O caso Marielle Franco, que foi assassinada, é um dos muitos exemplos.

No Brasil e em outros países, surgem casos de estupro, alguns até coletivos; sem esquecer os altos índices de vítimas femininas feridas ou mortas por armas brancas ou de fogo, como a jovem que foi baleada na cabeça apenas por reivindicar melhores condições de ensino, ou outros crimes passionais que vêm vitimando as mulheres, majoritariamente.

Na Paraíba, em menos de um mês (em abril de 2019) foram assassinadas quatro mulheres porque desejaram se separar de seus maridos, e estes, inconformados, decidiram matá-las. Ou seja, é o sistema de propriedade amorosa que se estabelece entre os seres humanos, e que tem origem nos ensinamentos bíblicos, que não permitem que a mulher tenha a liderança.

Essa violência, praticada contra a mulher, tornou-se, ao longo dos anos, um grande problema tão presente nas relações sociais, perpassado e naturalizado a cada instante, não apenas entre as pessoas, mas veiculado fortemente, de maneira velada, por alguns cânones de nossa literatura, tais como parábolas, ensinamentos religiosos, que em suas ações pedagógicas naturalizam e fomentam, à luz de seu olhar sobre a mulher, os limites para sua voz e delimitam os espaços que deve ocupar.

Nesse ensejo, a referida pesquisa buscou responder à seguinte indagação: Existe exclusão de mulheres em linguagem bíblica? Mesmo porque a exclusão e discriminação estão ligadas aos preconceitos que são instituídos socialmente por quem detém o poder de criar padrões sociais, para serem seguidos por meio de abordagens referentes ao conceito de gênero criado, sobretudo, a partir de contextos sociais e culturais, que tornam os comportamentos masculinos e femininos diferentes.

Constitui-se, como objetivo elementar das organizações sociais, colaborar na construção de papéis atribuídos a homens e mulheres que influenciam nas

expectativas que criamos e na forma como lidamos com o próximo e as diversidades existentes. Este conceito nos permite analisar e entender as diferenças, sejam essas sociais, econômicas ou políticas, próprias das relações humanas, que constroem a história e a cultura de uma sociedade.

Quem explicita esta situação de não aceitar as diferenças, a falta de respeito com o próximo, são as autoras Batista e Bandeira; (2002, p.119), em o artigo “Preconceito e discriminação como expressão de violência” no momento em que fazem uma reflexão construindo uma ponte entre preconceito, discriminação e a violência. Elas também destacam as várias formas de discriminação e exclusão. Outro questionamento das autoras é que existem os fundamentos conceituais do preconceito e suas implicações nas categorias de discriminação e exclusão social. Neste contexto, o sujeito portador de preconceito, sofre de uma doença social, chamada preconceito.

Além disto, a discriminação já é uma espécie de exclusão. Ao compararmos com os preconceitos existentes na religião, é possível afirmar historicamente que essas atitudes sociais sempre existiram nos ensinamentos bíblicos e tornam-se realidades, quando as pessoas seguem os rituais religiosos que tem esta característica. Até mesmo quando dizem que a sua religião é melhor do que a outra, entende-se como um preconceito religioso. Finalmente, no artigo de Bandeira e Batista; (2002; p.119), foram discutidos os seguintes temas: Os parâmetros jurídicos, em relação a coexistir e a reconhecer; As ciências sociais, frente à construção das diferenças, dissemelhanças; Os fundamentos conceituais do preconceito e suas multiplicações nas categorias de discriminação e exclusão social; Crescimento do preconceito.

Nessa pesquisa “Exclusão de mulheres no texto bíblico”, as narrativas bíblicas sobre as relações e categorias sociais, de submissão e subserviência, que foram identificadas, serviram para ampliar a análise de nosso objeto de estudo, “o texto bíblico”. Para tanto, foram necessárias as contribuições das pesquisas sobre os fatos históricos, sociais, culturais e movimento feminista (e sua evolução histórico-cultural) fenômeno religioso, leitura, estudo e pesquisa sobre as questões de gênero, histórica, conhecimentos sociais e culturais, foram de grande importância, e as leituras sobre a questão de gênero e religião das escritoras Lemos, Fiorenza, Bandeira, Batista, Gebara, Beauvoir, Butler, Escorel, Nogueira, foram valiosas.

Voltando ao tema da nossa pesquisa, é possível afirmar que existem várias formas de exercer a exclusão sobre a mulher. Uma delas é feita por meio de rituais religiosos em algumas culturas antigas que gostam de cultuar rituais de violência, visando coibir o desejo sexual das mulheres. Então foi percebido que, pelo menos, cerca de dois milhões de meninas são mutiladas a cada ano. Em lugares como Sumária, Djibriti, Sudão, estima-se que praticamente quase todas as mulheres têm seus clitóris extirpados. A argumentação principal era “proteger as mulheres das consequências do excessivo desejo sexual”. Segundo notícias da Revista Veja, de 10 de junho de 1998, as egípcias, em geral, são submetidas à excisão, ou circuncisão feminina, como é erroneamente chamada da remoção do clitóris e dos pequenos lábios.

Nesta mesma notícia, no Egito, consta que 55% das mulheres muçulmanas e cristãs ainda são mutiladas, pois é uma “questão de respeito à honra”. Então, no Egito, o governo proibiu a operação em hospitais públicos e particulares, em 1996. Este fato foi motivo de protesto por parte de líderes religiosos, mais ortodoxos, que são fundamentalistas, e os muçulmanos, empenhados em defender e proteger as mulheres de “excessivo desejo sexual”.

É fato que as violências simbólica, verbal ou física acometem cada vez mais as mulheres em níveis alarmantes. A circuncisão feminina na Costa do Marfim, um dos países africanos, muitas vezes, é praticada pelos próprios parentes. Às vezes consiste em um ritual da religião local para retirar um órgão que possa lhe proporcionar prazer (o clitóris). Não há aqui a intenção de sugerir solução para todos os problemas identificados, nem traçar meios de erradicar tal problemática; mas suscitar reflexões como uma espécie de denúncia, como as que são propostas nesta pesquisa. Pesquisa que se volta para os veículos literários e religiosos, os quais fomentaram desnaturalização, direta ou indiretamente, e a “supremacia” dos homens para com as mulheres, alimentando, portanto, a cultura da violência. Esta explanação é uma forma de expor as raízes desse mal, mostrando as nuances de suas configurações. Por essa razão, cabe ressaltar que a referida pesquisa tem, pois, grande valia para registrar o cotidiano de práticas violentas que deixam marcas irreparáveis, apoiando-se em valores culturais arcaicos de violência contra o gênero feminino.

1.4. O TEXTO BÍBLICO E A EXCLUSÃO

O texto bíblico é composto por uma pluralidade de gêneros textuais com aspectos puramente religiosos. Dentre eles, temos a parábola. De acordo com Ricouer (2016, p.46), este estilo de escrita apresenta uma característica diferente de outros textos, por ser uma narrativa satírica, uso de hipérbole, com o uso de figuras de linguagem machista e metafórica. Chamar uma narrativa de parábola é dizer que a história narrada se refere a algo que vai além do que é dito. Nesse tipo de texto existem traços da linguagem “interiores”, que estão dirigidos para significadores existenciais que falam do cotidiano. Além disto, a parábola pode falar de mitos, assim como criar estereótipos para descrever a existência humana.

Como todo gênero textual, a parábola possui seus aspectos constitutivos, tais quais: reconstrução e desconstrução, uso de paradoxo, hipérbole, intrigas, peripécias, atos configuracionais, da narrativa em que se agrupam. Por exemplo: “Quem busca ganhar sua vida perdê-la-á, mas quem perde sua vida a salvará. Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam,” (RICOUER; 2016, p.74)

Outros autores também escreveram sobre os gêneros sexuais. No livro “O nascimento do cristianismo” (CROSSAN, 2004, p.204), são divulgados resultados de pesquisas sobre a questão de gênero (masculino e feminino), especificamente nas sociedades camponesas, que apresentaram o seguinte resultado: Os poderes masculinos e femininos são diferentes, os homens têm responsabilidades públicas e políticas, e as mulheres têm responsabilidades domésticas. Este tema também é abordado no livro “As múltiplas faces dos deuses”. (CAMPBELL, 2014, p.11-12)

No livro “Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo”, Nogueira (2018, p.69) escreve sobre: “Abordagem comparativa em diferentes gêneros literários e artefatos”. As escritas destas narrativas são sobre narrativas de textos religiosos e diferentes gêneros literários e diferentes crenças religiosas, como: textos do cristianismo primitivo; literatura grego-romana; papiros mágicos gregos; manuais de interpretação de sonhos; fábulas e lendas; máximas morais; amuletos; epigrafia literária. Os textos possuíam características de poeticidades, a densidade demográfica e metafórica, tais quais as parábolas religiosas, que têm o interdito em suas mensagens.

Como este trabalho envolve seres humanos, ações pedagógicas e relações sociais, que fazem parte do âmbito social da humanidade, destaquemos as ideias de

DURKHEIM; (1998, p.11-12). É importante trazer à tona os fatos sociais, a partir da tese que faz parte da fase de transição do sociólogo para o antropólogo (1858-1917, p.11, 21), quando ele afirma: “a sociedade é nosso cárcere, se dela não nos sentimos prisioneiros é por que a ela nos conformamos”. Quando isto acontece, também não são capazes de alterá-la.

Este autor também pode ser considerado um dos fundadores da sociologia científica e sua maior contribuição foi o estabelecimento de um método e objetivo próprio à investigação científica, além disso, contribuiu também para a pesquisa empírica. Durkheim emancipou a sociologia da Filosofia Social, colocou-a como disciplina acadêmica e elaborou com clareza os tipos de acontecimentos, sobre os quais o sociológico deveria falar.

Para ele, o verdadeiro objeto de estudo da sociologia são os fatos sociais, que dizem a maneira de agir ou pensar, e eles podem ser fixos ou não. Capazes de exercer sobre o indivíduo uma coesão exterior, estes fatos possuem também uma força coercitiva que se torna evidente pelas sanções legais ou espontâneas. O indivíduo está sujeito à penalidade quando tenta rebelar-se contra os fatos sociais, mas quando não se opõe torna-se obsoleto. Quanto à religião, DURKHEIM; (1988, p.32) viu-a como uma expressão simbólica da sociedade, cuja função é produzir solidariedade social, sua imaginação e coesão, para tornar o que é necessário para a vida coletiva.

Os estudos das ações pedagógicas que estão nas relações sociais do texto bíblico são antigos. Vários autores já apresentaram contribuições acerca dessas ideias. BOURDIEU e PASSERON ; (2009, p. 110) afirmam que as ações pedagógicas são reproduzidas pela classe dominante, em que o poder de um grupo social é partilhado entre os membros desse mesmo grupo. Essas ações podem ser exercidas pela família, escolas, Igrejas, Estado, ou agentes mandatados para o efeito, mas nem sempre atendem às expectativas dos elementos que as compõem.

Contudo:

a ação pedagógica pode fornecer uma grande contribuição para a igualdade social ao possibilitar aos estudantes das classes desfavorecidas superar suas desvantagens. Uma pedagogia que vise a aprimorar os processos de ensino e aprendizagem deve fornecer aos estudantes as condições que estes não dispõem em seus meios culturais de origem (BOURDIEU; PASSERON, 2009, p.113).

Nesse caso, optar por uma educação reflexiva pode não apenas oferecer grande contribuição para a “igualdade social”, mas também, dependendo da forma como são feitas as ações pedagógicas, diminuir as desigualdades sociais entre os favorecidos

e os excluídos. (BOURDIEU; PASSERON, 2009, p.113) Com base nesses fatos, surgiu a preocupação de escrever sobre esta temática e procurar relacionar com autores que tecem suas contribuições. Portanto, esta seria uma metodologia para diminuir as desigualdades sociais.

Existem várias formas de relacionar os objetos literários. Uma delas é procurar características de semelhanças e diferenças dentre os enunciados. Bilimoria (2014, p.14) afirma que a filosofia da religião se utiliza de questões que surgem do desentendimento entre o julgamento da razão com o compromisso com a fé. Isso quer dizer que alguns seres humanos ficam divididos (um conflito de ideias entre pessoas educadas às vezes se torna um aprendizado) com a sociedade em que vivem, contribuindo, dessa forma, para que haja mudanças educacionais e sociais.

As narrativas bíblicas são poderosas e tem muita ligação com a sociedade ocidental, devido à miscigenação da “colonização” e à disseminação de valores culturais assimilados. É ainda uma narrativa que fundamenta toda dinâmica sociocultural das sociedades ocidentais, em diferentes níveis. O brasileiro possui uma pluralidade cultural, por causa da convivência com outras culturas. Este foi um fato que sempre me chamou a atenção: Porque tantas pessoas envolviam-se com a leitura de um livro? Por que essas leituras eram motivo de tanta atenção e silêncio? O problema das narrativas bíblicas é o tratamento exclusivo, discriminatório, direcionado às mulheres, de forma que elas sirvam como modelo de vida para os seguidores do evangelho. Nesses ensinamentos, é preciso destacar os desígnios de obediência, servidão e subserviência que foram atribuídos a Deus, os deuses das religiões impõem-se às mulheres, por meio das instituições e líderes religiosos de antigamente e de hoje, que existem em quase todas as religiões, e insistem em cultuar como se fossem a melhor forma de viver. Esta discussão é complicada, pois seus rituais são repletos de desígnios misóginos.

Os desígnios podem ser comparados com a abordagem sobre o subalterno da religião. Bilimoria (2011, p.17) em seu artigo intitulado “O que é o “subalterno” da filosofia da religião?” focaliza especificamente na filosofia comparada da religião em sua gênese histórica, quando diz: infelizmente não é possível estudar a religião com base apenas na fé. É preciso buscar apoio em outras ciências, como: filologia, mitologia, estudos do folclore, filosofia, antropologia, história das ciências sociais, psicologia e etnologia.

Dito isto, as características de servidão, na linguagem bíblica, funcionam como instrumento de discriminação, exclusão das mulheres no mundo social e político, e a religião servia e serve como instrumento de controle para subjugar a espécie feminina, para conseguir mão de obra escrava.

De acordo com as narrativas bíblicas (que são textos bíblicos) foram insignificantes os casos de mulheres que se destacaram socialmente, mesmo sem formação para exercer funções de liderança. É o caso de Débora que se destacou contribuindo com suas estratégias políticas para defender sua comunidade. Débora era profetiza e mãe de Israel. (JUÍZES, 2013, p.319 - Capítulo 5 - O cântico de Débora). No entanto, os ensinamentos bíblicos só destacam três tipos de mulheres: Eva, “a pecadora”; Maria, mãe de Jesus, “modelo de perfeição e santidade”; Maria Madalena, “a prostituta arrependida”.

A história de Maria Madalena é bem complexa. Ela seguiu e viveu os ensinamentos de Jesus Cristo, chegou a ser discípula mais próxima de Jesus. “Não sabemos sobre o chamado de discípulas, no entanto, não temos história de chamamento envolvendo Maria Madalena e as suas discípulas” (FIORENZA, 2016, p.1). Portanto, a igreja, como a conhecemos hoje, não é um discipulado de iguais. Madalena participava com Jesus das reuniões com os apóstolos, Tanto que Jesus disse: “Sede vós as primeiras apóstolas para os apóstolos, para que Pedro aprenda que eu posso escolher até mesmo mulheres como apóstolos”. De acordo com WATTERSON; (2019, p.108), Maria Madalena também elaborou um evangelho, que foram arrancadas as sete primeiras páginas, para que ninguém soubesse o conteúdo. Há apenas um final do diálogo entre Maria Madalena e Jesus, em que ele respondeu a pergunta de Maria Madalena. No entanto, a igreja não divulga, não reforça a liderança dela, é isto que comprova a dificuldade que as mulheres enfrentam “quando se atrevem a assumir liderança pública”. Na teologia cristã, FIORENZA; (2016, p.4) afirma que Maria Madalena ou Maria de Magdala, a apóstola dos apóstolos, foi transformada na pecadora arrependida e “mais casta” prostituta, a mulher sexuada que estava apaixonada por Jesus e lhe ensina modos femininos de ser. Os textos apócrifos dizem que ela teve até filhos com Jesus. Mas isto não nos interessa. O que é interessante é que a mesma pessoa, representante da igreja, que a difamou como prostituta penitente aos fiéis, por meio de sua Homilia 33, o papa Gregório Magno (540-640), em 1969, após de 1.378 anos, reconheceu que a adjetivação sobre Maria Madalena era incabível. Corrigia assim sua misoginia. Dr^a Karen King explica que

a ficção de Maria Madalena como prostituta, criada pela igreja, resolveu dois problemas de uma só vez. Ela minou tanto os ensinamentos associados à Maria Madalena, quanto à capacidade de as mulheres de assumirem papéis de liderança. (WATTERSON; 2019, p.108)

Em 22 de julho de 2019, Maria Madalena passou de prostituta penitente para a apóstola dos apóstolos. Quem a concedeu esta denominação foi o Papa Francisco, (agora no século XXI,) porque ela viveu com Cristo e os apóstolos, por causa de sua liderança no Movimento Judaico, que recebeu o nome de Movimento de Jesus. Eis que tais passagens serviram de base para o plano ideológico da classe dominante, que se valeu dos estereótipos expressos nas narrativas para firmar-se cada vez mais no controle.

Alguns ensinamentos bíblicos inspiram-se nesses valores de inferioridade sem se preocupar com a construção de lideranças femininas, não combinam com a realidade atual, tendo em vista que esses mesmos valores serviam e servem para os povos do Egito, Palestina, Israel, Mesopotâmia, cuja cultura seguiam o Antigo e o Novo testamento. Pensando o contexto histórico, é fato que essas narrativas talvez não sirvam como modelo de vida para o ser humano do século XXI, porque seus discursos são utilizados enquanto elementos de exclusão e discriminação, para escravizar a espécie feminina, ou de um grupo sobre outro.

Nesse contexto social, encontram-se os seres humanos excluídos e discriminados, resultantes de uma educação opressora: “O Todo Poderoso decidiu que esses seres fariam parte de uma classe subalterna ou grupo subalterno”. (GRASSCI, 2014, p.36) Na vida dos seres humanos, ser excluído é uma atitude muito difícil de aceitar, mas não impossível, pois quando isso acontece, estão isentos de participação e não contribuem para o processo de conscientização da humanidade. Nessa linha de raciocínio, temos a seguinte argumentação:

Exclusão são processos de vulnerabilidade, fragilização ou precariedade e até ruptura dos vínculos sociais em cinco dimensões da existência humana em sociedades ocupacionais e de rendimento; familiares e sociais próximas, políticas ou de cidadania; culturais, e no mundo da vida onde se inserem os aspectos relacionados com a saúde. (SCOREL, 1999, p.75.).

Durante muito tempo, o ser humano foi alvo de exclusão e discriminação, isto é, percebido em algumas narrativas bíblicas. Como comprovação, basta ler

inicialmente o capítulo do Gênesis (1-2), em que Deus predestina um futuro de subordinação e inferioridade para a mulher: “Estarás sobre o poder do marido”; “[...] Ele te dominará”. Esses ensinamentos fazem parte da educação inspirada no pátrio poder (que vem do Confucionismo 2), que surgiu no século VI a.C.), em que o poder e liderança sobre a família são centrados na figura paterna (o pai, um homem). Percebe-se, então, a ação do imaginário patriarcal quando as mulheres são adeptas do machismo estrutural e esquecem que têm capacidade de atingir graus de liderança, seja no espaço familiar, ou qualquer outro lugar. Para isto é preciso ter perseverança.

Finalmente, desenvolver pesquisas que envolvam a linguagem bíblica machista, questões de gênero pautadas em representações sociais, antropológicas, históricas de relacionamento entre os seres humanos, é essencial para conhecermos nossos ancestrais, e sabermos que herdamos deles vários aspectos sociais e culturais que integram o cerne dos instrumentos da dominação e controle da dominação do corpo, mente e almas femininas. Mas é bom saber, para que possamos nos defender de pessoas misóginas e exclusivas; também entender que a espécie feminina não viveu pacificamente. Muitas mulheres lutaram para conquistar espaços femininos de reivindicações, que são as instituições formadas de leis e pessoas, que combatem a misoginia, a violência e a exclusão feminina. Um exemplo disto é a Lei Maria da Penha, criada em 2006, que serve de amparo legal para enquadrar os infratores.

1.5. PROBLEMA

O problema desta pesquisa está ligado ao seguinte questionamento: Existe exclusão de mulheres na linguagem bíblica? Os maiores problemas identificados nesta pesquisa são: a exclusão, a violência e a misoginia das narrativas que as personagens híbridas enfrentam. Elas precisam se apresentar de formas dissimuladas para sobreviver neste universo religioso, que se apresenta de forma transparente, dissimulada que coloca a mulher como não sujeito de sua história de vida. Isto acontece porque, no universo religioso, a fé e a obediência são valores sociais, culturais e religiosos, que lhes obrigam a viver uma vida dupla, por meio da obediência. É o caso de Maria Madalena ou mesmo Maria de Nazaré, mãe de Jesus, que foi obrigada a ter uma criança longe de sua casa em condições precárias, porque era perseguida politicamente por quem detinha o poder.

Essas mulheres são descritas como boas ou más: em determinado momento, são santas; em outro, são demoníacas, pecadoras. Eva, que foi enganada pela serpente, é considerada pecadora. Se alguém investigar as narrativas bíblicas, verá que toda perseguição à espécie feminina era medo da sua liderança no mundo antigo, porque quando a mulher quer, atinge a perfeição em suas ações. Até hoje, mata-se mulheres quando elas detêm o poder ou não se submetem a situações opressoras feminicidas. Aliás, feminicídio já é uma grande exclusão do mundo social.

Na vida dos seres humanos, ser excluído é uma atitude muito difícil de aceitar, mas também não é impossível, pois o ser humano adequa-se a situações difíceis, isto pode significar estar marginalizado, socialmente isento de participação e não contribuir para o processo de conscientização, participação da humanidade.

A exclusão consiste de processos dinâmicos, multidimensionais, produzidos por relações desiguais de poder que atam ao longo de quatro dimensões principais – econômica, política, social e cultural -, e diferentes níveis, incluindo individual, domiciliar, grupal, comunitário, nacional e global. Resulta em um *continuum* de inclusão/exclusão, caracterizado por acessos desiguais aos recursos, capacidades e direitos que produzem iniquidades em saúde. (POPAY et al, 2008, p.36)

Isto é resultante da educação inspirada no Judaísmo, pátrio poder, onde a liderança é masculina. Ela precisa mudar, pois contribui para a existência de mulheres que não têm iniciativa própria, que contribui para o comportamento de compulsão mental. Falta-lhes a iniciativa, e quando precisam apelam para os parentes do sexo masculino. Com este ato, elas praticam a autoexclusão. Além disto, o texto bíblico manteve seu conteúdo, mas as relações sociais passam por processos de mudanças diariamente. As ciências contemporâneas já excluíram diversos discursos misóginos autoritários, mas continuam existindo até quem afirme: “O essencial do ser humano está no QI - Quociente de Inteligência”. Até hoje não foi comprovado cientificamente a inferioridade do QI feminino, nem a superioridade do QI masculino. No entanto, o apóstolo Paulo afirmava “Não permito que a mulher ensine nem aprenda”. Então quem não ensina nem aprende é o que? Isto é um problema para quem é vítima e para quem ainda usa este tipo de discurso?

Várias ideias sobre a espécie humana já superaram as ideias e desejos autoritários dos Teocêntricos, cujos textos se encontram na Bíblia. Até hoje existem adeptos destas opiniões que colocam as mulheres e seus coeficientes de inteligência em uma posição subalterna de inferioridade. Isto acontece porque quem usa este discurso se

identifica com atitudes opressoras misóginas, entre os seres humanos, e prefere menosprezar uma espécie humana para sobressair-se socialmente. Até as leis que tratam sobre a posição da mulher na sociedade mudaram.

Todos e todas somos criados à imagem e semelhança de Deus, que em todas nossas diferenças, representamos o Divino aqui agora porque somos feitos (as) à imagem e semelhança de Deus. Somos brancos e negros, homens e mulheres, pessoas jovens de idade, com deficiência, gays, héteros, imigrantes, nativos, americanos, europeus, asiáticos, africanos. Somos pessoas sensatas, tolas, teóricas e práticas, corajosas, tímidas, bonitas e nem bonitas, eloquentes e taciturnas, espertas e inteligentes, fortes e fracas. Somos pessoas dotadas com uma variedade de talentos e dons, experiências e esperanças, fé, amor. Somos as representantes da sabedoria divina em nosso mundo. (FIORENZA; 2016, p.8)

Aliás, quando as pessoas nascem, encontram um mundo repleto de oportunidades que podem contribuir para que todos se desenvolvam de acordo com os estímulos recebidos. No entanto, se já está decidido que existe uma espécie submissa, subserviente e outra superior, como é que alguém pode desenvolver-se? Onde está o incentivo?

Sabemos que o universo religioso é contaminado com algumas mazelas da vida social. Em determinados momentos, elas praticam atitudes que afetam seus fiéis, principalmente, no reconhecimento de personagens que se dedicaram muito à comunidade, como é caso de Maria Madalena e seu chamado. Poucas pessoas sabem que ela e suas discípulas fizeram na época da Ressurreição de Jesus. Não se intimidaram e foram as testemunhas primordiais da execução de Jesus e de seu sepultamento, mas também as primeiras que proclamaram a ressurreição dele. O medo da violência brutal do Estado não pôde deter o testemunho delas. Segundo Fiorenza (2016, p.3) a igreja não comenta sobre “Maria Madalena e seu discipulado”. O que existe é uma Instituição “exclusivista e hierárquica” que não admite a liderança feminina, que parece ter esquecido que o chamado da igreja é ser uma comunidade de igualdade e acolhimento a todos, conforme afirmou Jesus.

Portanto, é preciso muito tempo para mudar as estruturas sociais e amorosas e os papéis sociais também, porque valores culturais são fatores que se repetem para futuras gerações, são disseminadas com facilidade e fazem parte da educação formal e informal. A Bíblia, enquanto obra literária, religiosa e educacional, condiciona na mulher o comportamento através do medo, da culpa e do pecado.

CAPÍTULO 2.

2.1. CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO NA RELIGIÃO

Devemos entender por crítica a capacidade que o ser humano tem em observar um objeto ou situação, um fenômeno religioso, nele perceber as qualidades e os defeitos. Na crítica, não existe perfeição, não existe atitude positiva. Diante de um fenômeno religioso sempre existe um aspecto positivo e outro negativo. A crítica é o elemento fundamental para o ensino religioso, porque ela vê as qualidades e os defeitos das mensagens bíblicas que contribuem para a não alienação dos leitores e a democratização do ensino religioso que encaminha para o Ecumenismo.

Para que exista uma boa crítica, é necessário que exista uma interpretação coerente. A forma como são interpretadas e traduzidas as palavras de um idioma para outro tem muita importância para o fenômeno religioso, porque uma interpretação errônea pode trazer grandes prejuízos para o entendimento das mensagens transmitidas. Eis um exemplo para ilustrar tal ideia: “a Árvore do conhecimento do bem e do mal” - essa árvore e seu fruto (que não é a maçã) são símbolos, como na expressão: “estamos colhendo os frutos de nosso trabalho”, que também representa essa árvore. Isto é, esse enunciado quer dizer que Deus entregou o mundo ao homem e a mulher, para que o cultivassem, e a capacidade da ciência para que exista a criação. (CHARPENTIER, 1994, p.42).

O slogan da maçã vem se repetindo por diversas épocas, erroneamente, como ensinamento bíblico por alguns cristãos. Por isso é muito importante quando lermos um texto bíblico ter sempre em nossa mente a semântica das palavras-chave do texto, e situá-lo em seu contexto histórico.

Não é possível observar os ensinamentos bíblicos como modelo de vida, apesar da cultura ocidental ter muitas características dos ensinamentos bíblicos por causa da “colonização”. Eles são narrações do cotidiano de uma época em que viveram os personagens, com os quais são difíceis de compactuar, principalmente quando comparamos com a nossa época contemporânea (século XXI), e percebemos, tão logo, que seus ensinamentos comportamentais nem sempre servem como modelos de vida ocidental. Cultuá-los é preservar um aspecto atrasado da cultura semita, segui-los pode ser problema para quem o faz. No entanto, não queremos dizer que devemos extinguir esses ensinamentos, produtos de uma aventura de um povo

subjugado pela paixão por Deus. Porém, quem trabalha com os textos bíblicos, deve esclarecer que seus receptores evitem o fundamentalismo.

2.2. DEUS, O CRIADOR DO UNIVERSO

A explicação mais divulgada para a criação dos primeiros habitantes da Terra está no universo simbólico, onde Deus é o criador; primeiro criou o céu e a Terra; da Terra nasceria toda a explicação da vida. Para essa criação, Ele gastou sete dias: “O senhor Deus insuflou em suas narinas o hálito da vida e o homem se tornou um ser vivo” (Gen. 2,7). Considerando sua criação incompleta, Deus fez o que significa a Formação e instituição do matrimônio (Gen. 2,24), momento em que Deus colocou Adão em sono pesado e retirou uma de suas costela. Colocando carne no lugar desta costela: “o Senhor criou uma mulher, levou a Adão e disse: Eis aqui agora o osso dos meus ossos e a carne de minha carne. Ela se chamará *Hicha* porque de *Hich* foi formada. Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à mulher, e serão dois numa só carne, ora um e outro”.

Adão e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam, não percebiam seu estado porque ainda não havia nascido a malícia entre eles. Com esse triângulo existencial está feita a irmandade entre Deus e sua criação. Esta explicação está ligada ao ensino religioso ligado a Bíblia Sagrada. Existem outras explicações que estão ligadas a outros segmentos religiosos.

Quem se enquadra neste contexto é Campbell (2014, p.262), que foi um grande mitólogo da história. Em seus trabalhos procurou falar sobre a mitologia dos povos primitivos, destacando que nossos ancestrais das cavernas já tinham a necessidade da criação mítica para expressar seus sentimentos e admiração perante toda a natureza. Entretanto, do ponto de vista da “investigação científica, procurou observar os fenômenos climáticos, que observam o florescimento das terras férteis e da agricultura. Já nos aspecto da religiosidade, destaca-se o culto ao Xamanismo, os antigos mistérios da Grécia e do Egito.

Em suas pesquisas CAMPBELL;I (2014, p.264) percebeu várias manifestações do sagrado por meio do aparecimento de estátuas femininas em culturas arcaicas, como os Sumérios que indicavam o culto aliado ao sagrado feminino. O autor também observou que muitas das sociedades da antiguidade tardia possuíam o sistema matriarcal, a mulher dominava o Clã e o homem possuía uma posição secundária. No

entanto, esta situação mudou e os homens começaram a reunir-se e derrubaram o sistema de governo ou liderança feminina, ocorrendo o desaparecimento de figuras de culto feminino, sendo substituído pelo culto masculino.

2.3. QUEBRA DA ALIANÇA

As personagens Adão e Eva sofreram a tentação da serpente, que perguntou: “Por que não comes do fruto da árvore que está no meio do paraíso?” (Gen. 2-3). Respondeu Eva: “Deus nos mandou que não comêssemos e nem tocássemos, pois se o fizermos morreremos”. Então a serpente disse: “De forma nenhuma você morrerá, o problema é que se tornarão como os deuses e passarão a conhecer o bem e o mal”. Então Eva comeu do fruto proibido e deu a seu amado, contribuindo para que ambos praticassem o chamado pecado original (que não tem ligação com o que as pessoas do senso comum acreditam ser a concepção de pecado). Depois disso, perceberam que estavam nus (havia então nascido a malícia entre eles). Ao se encontrarem com Deus novamente tiveram consciência de si e de suas ações. Psicologicamente, estavam livres, pois descobriram o prazer de comer do fruto proibido, e a sensação da culpa que os invadiu. Esconderam-se do senhor Deus, Seu Criador, porque estava quebrada a irmandade e a aliança entre eles. Ao observar essa situação do ponto de vista do *New Criticism*⁵, percebemos que existe uma decepção que se chama pecado original e, por outro lado, há o perdão, que é a promessa de uma nova aliança que pode ser representada por meio do esquema abaixo:

Comunhão ----- Destruição
Aliança ----- Pecado

Se psicologicamente eles podiam estar livres, no universo religioso, passaram a ser escravos, porque perderam a liberdade concedida por Deus no universo da criação do paraíso. Nesse momento, os seres criados por Deus passaram dos seguintes estágios: primeiro a comunhão, depois o pecado, e finalmente chegaram às consequências, porque Deus não ficou impotente diante da atividade de seus filhos.

Após a quebra da aliança, houve o encontro de Deus com Adão e Eva. É mais uma relação antropológica que podemos destacar do universo bíblico, porque

⁵ *New Criticism*, Novo Criticismo, estilo literário que permite ver os aspectos positivo e negativo do que é dito em um texto. O texto pode apresentar múltiplos significados.

geralmente os pais, quando seus filhos desobedecem, chamam a atenção e/ou os repreendem pela desobediência. Na narrativa, por outro lado, Deus agiu diferente, deu-lhes a responsabilidade de serem eles próprios donos de suas ações. Antes disso, Deus chamou-os e disse: “Onde estás”? Adão respondeu: “Ouvi a Tua voz no paraíso, mas tive medo porque estava nu, por isso escondi-me”. Então Deus perguntou: “Comeste da árvore proibida? Quem te deu este fruto para comeres?” Respondeu Adão que havia sido Eva. Esse enunciado, quando mal interpretado sem procurar a essência do texto, dá margem a interpretações errôneas que dão embasamento para a construção do machismo, quando atrelam à mulher a culpa do pecado, quando na verdade o que houve foi a quebra da aliança entre Deus e sua criação.

Então, Deus lança uma consequência sobre essa ação de seus filhos; a Adão disse: “Comerás com o suor de teu rosto”. No que diz respeito à Eva, Deus foi mais severo: “Multiplicarei teus trabalhos, especialmente os de parto. Darás a luz com dor e estarás sob o poder do marido e ele te dominará”. A explicação bíblica de quando Adão foi criado queria dizer “humanidade”, ainda não havia sexo. O homem e mulher podiam ser considerados como os deuses e tinha papel de liderança.

A mulher (Eva) era semelhante, complemento do homem, todos com importância vital. Após esse relacionamento, surge o pecado original e a quebra da harmonia entre Deus e sua criação, dando início à dominação do homem sobre a mulher.

2.4. PAPÉIS PARA DESEMPENHAR

Tomando um posicionamento crítico diante da atitude de Deus para com Eva, é possível afirmar que essa MULHER se encontra em uma posição de inferioridade, invisibilizada (são pessoas que viviam em extrema carência material, desprovida de condições mínima de sobrevivência). Se Eva, na simbologia da criação, significava a mãe de todos os seres, que completava Adão, então seu prestígio diante de Deus caiu muito mais profundamente que o de Adão. Os papéis designados por Deus aos seus filhos foram de responsabilidades, só que à Eva coube a parte mais difícil: ser a mãe da humanidade e representar um papel de submissa. Essas ideias de submissão são transmitidas de gerações a gerações e repetem-se até os nossos dias. Ou pior, muitas vezes são as próprias mulheres que reproduzem esses ensinamentos para seus familiares por meio de uma linguagem que desfavorece e diminui o ser mulher

enquanto indivíduo inteligente e capaz de direcionar a sua vida. Quando Deus cria a mulher, confia-lhe a dupla função de auxiliar e complementar o homem, porque foi criada a partir dele. É uma explicação mitológica e positivista que envolveu uma credence nessas relações sociais e antropológicas e, por essa razão, entrou em conflito com as culturas ocidentais (quando não são alienadas). Por trás desses argumentos, pode estar uma atitude escravagista de quem quer justificar a divina arte de praticar a exploração humana.

Portanto, esse fato nos permite fazer um comparativo com a explicação dada pelos racionalistas e materialistas que atribuem a origem da vida à relação sexual, envolvendo responsabilidade aos sexos feminino e masculino, (apesar de atualmente já existirem outros métodos de concepção da vida). O sexo passa a ser o produto de amor entre um homem e uma mulher decididos a realizar o princípio de prazer com a benção de Deus.

2.5. A MULHER É EDUCADA PARA SERVIR

Desde o nascimento, o sexo feminino sofria discriminações. O nascimento de uma menina geralmente era considerado um período mais longo para purificação (LEVÍTICO, 12-5). Diante disso, é possível afirmar que existia um aspecto cultural que só levava em consideração a maternidade. Esqueciam que a mulher tem também outras potencialidades dignas de valorização.

A mãe natureza dera-lhe essa capacidade que realmente a faz ser valorizada. Ela é a maior responsável pela existência e pela continuação da espécie humana. Abrigar um ser durante nove meses, dividindo com ele todo e qualquer alimento que é ingerido, a respiração, as emoções, as alegrias, as tristezas, a afetividade, vivendo em comunhão durante nove meses, em uma atividade de reciprocidade e comunicação que os liga, é um estado interessante que fazia e faz parte de um universo “limitado” centrado no lar e nas atividades domésticas.

Esses fatos aconteciam (será que hoje ainda acontecem?) com a mulher israelita, instruída por uma educação “limitada”, sem possibilidade alguma de desenvolver-se enquanto ser pensante, dona de todas suas ações.

Antigamente, na cultura israelita, durante os primeiros anos, a mãe era a única a cuidar da criança. O desenvolvimento dessa criança muda conforme o sexo: a menina continuava com a mãe e começa o aprendizado da profissão de dona de casa,

futura esposa; o menino ficava com o pai e aprendia uma profissão extra doméstica. Dependendo das condições financeiras, o filho podia ser mandado para casa de um parente e a filha seria vendida como escrava - isso ocorria antes dos seis anos. Tal prática beira a crueldade, mesmo em famílias cujos pais venham a falecer, a mãe, ainda assim, não teria o direito de educar o seu filho, graças à tradição: homem educa homem e mulher educa mulher.

2.6. O HOMEM TEM PRIVILÉGIO RELIGIOSO

Quase tudo em Israel estava ligado à religião, principalmente a educação, a qual consistia em ensinar um ofício e também a Tora (lei mosaica) que sofria uma deturpação quando era transmitida para a menina: “Deve-se conhecer todos os preceitos negativos”; “[...] Tu não farás”. Sem esquecer os que se referem a sua condição, mas além disso, quanto menos se lhe ensina, melhor é. Destarte, é todo emaranhado de dificuldade que se coloca para que o sexo feminino seja mesmo adjutório, subserviente e desinformado.

Diferentemente, o menino deve saber o mais possível da Lei, a fim de melhor conhecê-la e honrar o Senhor; deve saber ler o texto e interpretá-lo. Essas formas de tratamento nada mais são que frutos do mau uso da lei mosaica, são ações da classe dominante (masculina atrasada). Em verdade, a mulher era considerada da mesma forma que tratavam os escravos. Não sabemos se existiam leis que permitiam este tipo de comportamento. No entanto, segundo SILVA; (2011, p.10), para ser judeu, é preciso nascer judeu ou submeter-se à conversão religiosa ao judaísmo. Mas o que significa nascer judeu? Quem nasce de mãe judia é judeu de nascimento. Outras situações também tornam uma pessoa em judeu: se a mãe é judia e o pai é judeu, os filhos que nascem são judeus; quando a pessoa é resultante de um casamento misto, por exemplo, somente o pai é judeu, os filhos desse casamento não são judeus. Portanto, é a mãe quem determina a nacionalidade, com características genéticas. Em outros casos, se quiserem se tornar judeus, terão que passar pela conversão religiosa, da mesma maneira que qualquer outro não judeu.

2.7. A INVISIBILIZAÇÃO FEMININA

Quando estamos reconstruindo uma narrativa, é preciso retornar ao passado, ou mesmo nos valer dos fatos antigos, para validar as ações do passado que se repetem no presente. Ações de violência com a espécie feminina sempre existiram na história da humanidade, seja devido aos maus relacionamentos humanos, sejam por não existirem leis que proibem vários tipos de agressões. Atualmente, no Brasil, temos várias leis que punem os agressores, sendo a “Lei Maria da Penha” a mais recente e específica. Apesar disso, são frequentes notícias, diariamente, sobre violência e morte de mulheres. Este fato contribui pra que muitas pessoas se preocupem em discutir esta temática.

Várias estudiosas já pesquisaram sobre a questão do machismo. DRUMONT; (1980, p.84) escreveu uma dissertação, depois uma tese de doutorado sobre o machismo, e resumiu assim: “Análise sociológica do machismo é definido como um sistema de representação de dominação ligado à intimidade sexual; Caracterização da estrutura da prática das relações entre os agentes sexuais”. LEMOS; (2012, p.9) no artigo “Religião e Masculinidade” também enfoca esta questão, chamando de masculinidade: “A noção de que o homem seja o grande responsável financeiro e moral da instituição familiar está condicionada à representação social da masculinidade”. LEITE; (2003, p.11), em sua monografia “A linguagem machista um endosso religioso”, cujo título sintetiza o conteúdo do trabalho, fala do machismo estrutural, praticado por homens e mulheres que já vem dos ensinamentos religiosos. Em suas pesquisas, Leite constatou que os ensinamentos religiosos endossam a violência contra a espécie feminina por meio de suas mensagens. Retornemos à temática do texto bíblico expressos nas relações machistas.

DRUMONT;(1980, p.81) informa: “Em termos da colocação adotada, o machismo é definido como um sistema de representação simbólica, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. O Machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino quanto ao feminino.

No artigo “Religião e masculinidade”, LEMOS;(2012,p.14)conclui argumentando:

A compreensão da construção social da masculinidade, sob o crivo religioso, é pertinente para os estudos feministas e de gênero, pois evidencia nas relações de gênero qual papel das representações da

mulher e das masculinidades ditas “subalternas” na igreja e na sociedade, ou melhor, “o não papel” e o “não lugar” desses sujeitos. LEMOS, 2012, p.14)

Essas relações se encontram em diversas falas bíblicas, como por exemplo, o enunciado bíblico: “Quando o homem tomou uma mulher e esteve com ela, deixou de querê-la” (LEVÍTICO); 1994. Bíblia sagrada, A comunicação expressa a liderança e o poderio masculino. Um homem tomou uma mulher, quer dizer, não pediu autorização. Ao observar o discurso bíblico, percebe-se que o fato de estarem juntos representa apenas a ação do homem, não demonstra se a mulher teve participação nessa estada. Tal omissão dá margem à interpretação de que a mulher era pessoa de fácil manipulação de quem a tomasse, apesar da cultura israelita angariar direitos e deveres iguais para a mulher, considerada como filha de Israel.

A situação piora se ela não for virgem e omitiu esse fato a seu futuro marido ou companheiro. Será devolvida à casa de seu pai, caso o marido descubra. Nessa situação, não são levados em consideração a afetividade e o sentimento, o prazer que existe na relação sexual entre o homem e mulher, ou (qualquer tipo de afetividade), a cumplicidade do dar e receber. O que importa realmente para o marido é o fato de ele ter sido o primeiro e o único a tocá-la. No entanto, se ela for virgem, o pai guardará a prova da quebra da virgindade para apresentá-la, caso seja necessário. Nesse caso, a virgindade é uma virtude, um troféu que ela traz consigo para ofertar ao homem ao qual pertença, que terá a obrigação de ficar com ela para o resto da vida, pois ele tirou-a da casa de seus pais.

Nesse tipo de relação sexual existe um sentimento de propriedade que G. I. EMERSON; (1968, p. 365) explica, por meio do argumento, que consiste em apontar que as mulheres não podiam ser vendidas porque eram a extensão do marido (Gen. 2,14); já os filhos podiam ser vendidos (Ne. 5,5). “Até as prostitutas não estão inseridas na categoria de bem móvel”, pois é preciso que sejam amadas como Deus ama.

Apesar de ser uma clara situação de machismo estrutural, vale salientar que em caso de estupro, a pessoa que cometeu a ação seria morto ou então seria obrigado a ficar com ela. O enunciado é claro: “seria obrigado a ficar com ela”. É uma afirmativa que não considerava a aceitação por parte da mulher que, além ter sido estuprada, teria que aceitá-lo pelo resto da vida. Esse é um fenômeno da tradição cultural que deve ser respeitado e está acima de qualquer construção de afetividade ou relação prazerosa que envolve a relação sexual. Nesse ensejo, o que está em questão pode

ser a pureza, a perda da virgindade, a integridade de nunca ter sido tocada, “possuída” – nada mais é do que uma relação de posse. O corpo feminino está impotente diante do desejo sexual masculino, e dos valores culturais que desvalorizam a mulher não virgem, descasada. Realmente, é um sentimento de posse que valoriza apenas um momento e não considera a sequência de prazeres possíveis.

Até os votos que a mulher assumia com o Senhor podiam ser censurados, pois a lei consagrava a autoridade ao marido, que era retificada por Deus. As exceções de comportamento eram consideradas quebra de padrões estabelecidos pela sociedade em vigor. Se assumisse, sozinha, um compromisso, e o pai ou o marido soubessem e não aprovassem a decisão, o compromisso seria desfeito. Caso aprovassem, então seu compromisso e voto teria validade (o marido devia respeitar os votos feitos antes do casamento), mas, geralmente, as decisões femininas tinham que ter a aprovação masculina.

Essas situações fazem parte da cultura israelita da época, tendo em vista seu caráter repressor, no qual pensava que a mulher era um ser passível de manipulação e dependente nas demais situações. Todavia, essas questões não acometiam todas as israelitas, pois no Antigo Testamento não existem tantos preconceitos com as mulheres que exerciam papéis proféticos. Quando precisavam, eram consideradas substitutas, na falta de profetas varões. SAULIER; (1979, p.30) comenta que havia respeito maior com as profetisas, porque elas pediam desculpas facilmente, e com mulheres que tinham bens materiais.

Nesse sentido, torna-se válido considerar que os ensinamentos religiosos não eram machistas em sua totalidade, se considerarmos as narrativas bíblicas compostas por personagens femininas que ocupavam lugares de lideranças. É complicado, por assim dizer, homogeneizar o comportamento social de uma sociedade, só porque é uma questão cultural. Tantas personagens ficaram a margem das narrativas. Existem pesquisas que falam sobre a importância de Maria Madalena para os ensinamentos religiosos, que falam do cristianismo, e o caso do livro “Maria Madalena Revelada: a primeira mulher apóstola e seu evangelho feminista” (WATTERSON, 2019, p.12). Em suas pesquisas, WATTERSON, descobriu que existiam páginas retiradas (1-6 estão faltando) do evangelho escrito por Maria Madalena. Quem quiser aprofundar-se no assunto, aconselhamos ler o livro, pois terá a confirmação da exclusão das páginas e da criação da companheira de Jesus. Mas qual é a ligação entre a história de Maria Madalena com a invisibilização feminina? O fato de parte dos membros da igreja que

a perseguiu, por ela ter uma vida livre, sem pressão, impossibilitou-a de exercer a liderança no movimento judaico cristão, por meio da difamação.

A interferência do Papa Gregório, em sua Homilia 33, estabelecia que o fiel devia considerar Maria Madalena como uma prostituta “penitente”. O papa Gregório fundiu Maria Madalena identificando-a como a “pecadora” sem nome, em Lucas 16, que é libertada de todos os demônios por Cristo. Ele interpretou essas passagens como uma impureza, ligada à sexualidade de Maria Madalena. Para o religioso, a expressão “sete demônios” significava prostituta, sem questionamento. (WATTERSON, 2019, p.108). Esta atitude misógina e invisibilizadora do Papa foi fatal para a discípula de Jesus, que estava liderando no momento.

CAPÍTULO 3

3.1 UMA LEITURA HERMENÊUTICA DA EXCLUSÃO FEMININA NA PARABÓLA “A MULHER EXEMPLAR”

10 Uma esposa exemplar, feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. 11 O seu marido tem plena confiança nela; nunca lhe falta coisa alguma. 12 Ela só faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida. 13 Escolhe a lã e o linho e com prazer trabalha com as mãos. 14 Como os navios mercantes, ela traz de longe o seu pão. 15 Antes de clarear o dia, ela se levanta, prepara comida para todos da casa, e dá tarefas às servas. 16 Ela avalia um campo e o compra; com o que ganha planta uma vinha. 17 Entrega-se com vontade ao seu trabalho. Seus braços são fortes e vigorosos. 18 Administra bem o seu comércio lucrativo, e sua lâmpada fica acesa durante a noite. 19 Nas mãos segura o fuso e com os dedos pega a roca. 20 Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres. 21 Não teme por seus familiares quando chega a neve, 22 Faz cobertas para a sua cama; veste-se de linho fino e de púrpura. 23 Seu marido é respeitado na porta da cidade, onde toma assento entre as autoridades da sua terra. 24 Ela faz vestes de linho e as vende, fornece cintos aos comerciantes. 25 Reveste-se de força e dignidade; Sorri diante do futuro. 26 Fala com sabedoria e ensina com amor. 27 Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça. 28 Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo: 29 “Muitas mulheres são exemplares mas você a toda supera”. 30 A beleza é enganosa, e a formosura é passageira; mas a mulher que teme ao senhor será elogiada. 31 Que ela receba a recompensa merecida, e as suas obras sejam elogiadas à porta da cidade. (PROVÉRBIOS 31: 10-31)

A parábola “A mulher exemplar” (Anexo 2) possui estrutura textual escrita em forma de versos e também pode ser encontrada em várias bíblias, com títulos diferentes, como “Mulher ideal”, “Mulher virtuosa”, “Mulher sábia”. Este é o mais antigo e foi escrito pela mãe do rei Lemuel, que a produziu para orientar seu filho sobre seu comportamento e o da sua possível esposa. Nele a mãe do rei Lemuel de Massah (ficava no antigo Oriente Médio dos tempos bíblicos) expressa os desejos e a

sabedoria que o tempo lhe deu. Esta mensagem, com fins educativos e morais, são conselhos para que seu filho siga quando for procurar uma esposa. A narrativa descreve o mundo das utilidades. Não menciona o amor, os sentimentos e a afetividade, tão importantes nas relações amorosas. Possivelmente esta seria a ética do momento histórico. No entanto, percebe-se que o intento da mãe é preservar os valores culturais que poderão dar continuidade a sua espécie.

A parábola, encontrada no livro dos Provérbios (31:10-31), e que possui metáforas e hipérboles, foi escrita na época do rei Salomão, momento histórico em que Israel passou por grande desenvolvimento cultural. O livro dos Provérbios significou um evento cultural importante porque era formado de passagens que ofereciam exemplos práticos e observações sobre escolhas sábias e tolas, que faziam parte da cultura local. Há quem atribua a criação desta parábola a Salomão, por ele ter produzido vários provérbios. Ele era rei em Israel, país que estava localizado no Oriente Médio e tem seu território banhado pelo mar Mediterrâneo, possui fronteiras com o Líbano, Síria e está localizado na região mais conflituosa do planeta Terra. Essa escrita, apesar de antiga, geralmente são lidas nas religiões católica e protestante, nos sermões dominicais. Quando lidas e seguidas por fiéis, tornam-se atuais.

“A Mulher Exemplar” é uma espécie de manual hilariante que deve ser seguido pela mulher. Esta parábola, quando lida nas entrelinhas, permite-nos perceber que é impossível cumprir os desígnios impostos, pois significa que ela estará atenta vinte quatro horas do dia.

O texto apresenta vários momentos do cotidiano de uma sociedade agrária. Os vocabulários “escolhe a lã e o linho”, “vinha” são utilizados em atividades manuais; fuso e roca são peças de uma máquina manual. Nesta parte, também são apresentados os dons e especificidades que cada profissão possui e que a mulher pode seguir.

“A mulher exemplar” terá que mostrar as habilidades nas atividades das camponesas. Nesta comunidade as camponesas trabalhavam bastante e deveriam saber cuidar de crianças; fiavam lã, teciam, ajudavam a cuidar da terra. A educação das crianças eram tarefas femininas.

Até hoje a educação no campo no estado da Paraíba enfrenta sérias dificuldades de aprendizagem e faz parte de percentuais que praticam a exclusão e discriminação educacional. Com base em Martins (2009, p.29), é possível perceber a precariedade do tipo de educação destinada aos camponeses rurais. Uma educação

marginalizada, no sentido de não contribuir para que os alunos adquiram conhecimentos suficientes para dizer que são alfabetizados ou são analfabetos funcionais. Além disto, na época da colheita, as crianças às vezes abandonam a escola para trabalhar na roça e ajudar seus pais.

Os versos que significam categorias sociais de submissão e subserviência, para conseguir mão de obra escrava, são os seguintes:

A beleza é enganosa, e a formosura é passageira
Mas a mulher que teme ao senhor será elogiada
Que ela receba a recompensa merecida
E suas obras sejam elogiadas à porta da cidade.
(PROVÉRBIOS 31: 30-31)

O enunciado acima é claro, a personagem feminina terá que seguir todos os comportamentos sugeridos para receber a recompensa do Senhor.

O texto é versátil e dialógico, pois cada estrofe representa um momento da parábola. Ao analisamos do ponto de vista crítico, hermenêutico e social, é possível perceber as estratégias de coação a partir da mensagem de subserviência, estabelecendo uma situação de inferioridade, que deve ser seguida pela mulher. Neste texto também é possível identificar a ficção da narrativa, a intriga, o trágico, o cômico, (estão nos versos que diz “A noite sua lâmpada está sempre acesa”) os quais são responsáveis pela possível benevolência ou desgraça, se a personagem feminina da parábola servir ou não ao senhor! O senhor é quem? Deus ou seu marido?

Nos versículos 10 a 31 existe uma descrição envolvente sobre o padrão desejado da mulher exemplar pela mãe do rei Lemuel. Esta mãe manteve-se no anonimato, não foi possível saber quem foi a autora dos conselhos valiosos. Depois de vários anos, esses ensinamentos são usados para transmissão de valores culturais, que nem sempre se adequam aos dias atuais, mas servem para discussões sobre uma época. Além disso, pode ser válido afirmar que a mulher exemplar é uma mulher moderna.

Neste contexto é bom lembrar que o texto que possui valorização do fenômeno do distanciamento é o texto como entidade dinâmica, para interpretá-lo como arco hermenêutico. (RICOUER, 2006, p.293) O arco hermenêutico é quando o autor fala do sujeito e o mundo, que está presente nas ações dos personagens desta narrativa.

O discurso religioso possui apologia didática e componentes dogmáticos. (RICOUER, 2006, p.30). Portanto, quando ensinamentos religiosos penetram na

mente das pessoas com a finalidade de persuadir o ouvinte, e dependendo do nível de absorção das mensagens bíblicas, os ensinamentos religiosos podem ser prejudiciais à humanidade. No caso da parábola, a questão é restringir, delimitar as oportunidades dadas, algo que se distancie de uma educação libertária e autônoma, defendida na Pedagogia da Autonomia e do Oprimido (FREIRE, 1996, p. 23). Basta observarmos um dos discursos de Paulo na Bíblia:

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Marido, amai vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja (e morreu crucificado) e a si mesmo se entregou por ela (EFÉSIOS, 5: 22-25).

Essa é só uma das amostras de texto bíblico que significam ações pedagógicas e submissão e subserviência (que compõem as parábolas, os provérbios e versículos). Em alguns locais do mundo, as ciências contemporâneas aboliram diversos preconceitos, que se encontram nesta frase: “o essencial do ser humano está no cérebro”; ou “a companhia da mulher é boa somente para as funções de procriação, a companhia masculina é melhor”. Estas frases significam as preferências de quem as pronunciou, pois nunca foi comprovado cientificamente a inferioridade do cérebro feminino, nem a superioridade do cérebro masculino.

Muitas ideias sobre a espécie humana, felizmente, já superaram os argumentos do apóstolo Paulo e de Tomás de Aquino. Mesmo assim, até hoje existem adeptos dessas opiniões que colocam as mulheres e seus coeficientes de inteligência em uma situação de desigualdade, porque é inerente a quem defende a opressão entre os seres humanos, querer subestimar o potencial de inteligente do ser humano chamado mulher.

Vale ressaltar que a exclusão permeia todas as áreas humanas. Para os clérigos, a mulher era considerada um ser irracional, bem próxima da carne e dos sentidos, por isso uma pecadora, afinal ela descendia de Eva, a culpada pela queda do gênero humano. Na Idade Média, a maior preocupação era mantê-las virgens e afastadas dos clérigos para não tentá-los.

A partir do Século XI, quando houve a instituição do casamento pela Igreja, deu-se à mulher grande importância: a maternidade e o papel da boa esposa foram exaltados. Criou-se a forma de salvação feminina a partir de três modelos femininos: Eva, Maria

(modelo de perfeição e santidade) e Maria Madalena. São esses os estereótipos femininos estabelecidos pelos escritores bíblicos para serem seguidos pelos adeptos de quase todas as religiões que tomam como base os ensinamentos bíblicos.

A instituição do matrimônio foi, nesse caso, mais uma forma de deixá-la restrita a um só parceiro, que tinha a função de dominá-la e educá-la e fazer com que tivesse uma vida “casta” de acordo com a classe dominante.

Finalmente, desenvolver trabalhos que envolvam a linguagem bíblica, questões de gênero pautadas em representações históricas de relacionamentos entre os seres humanos, é essencial para o conhecimento, a conscientização, dos aspectos sociais e culturais que integram o cerne dos instrumentos de dominação e controle do corpo, almas e mentes femininas. Serve ainda para aprendermos a nos defender de pessoas misóginas, que odeiam as mulheres, pelo simples fato de elas serem mulheres.

3.2 MARIA MADALENA, A MULHER QUE VIROU SANTA

O estudo do universo religioso é muito rico em termos de conhecimento para estudos comparativos entre outras culturas. Mais eis um problema: as traduções nem sempre correspondem fielmente à língua original. Watterson no primeiro capítulo de seu livro “Maria Madalena Revelada” levanta esse questionamento (WATTERSON, 2019, p.13). Por isso, os ensinamentos bíblicos nem sempre podem servir para o mundo ocidental, pois apesar de sermos uma cultura pluricultural, somos “livres” para escolher qual religião praticar ou não, valendo-se sempre do respeito às demais religiões.

No mundo, nunca se matou tantas mulheres em nome do amor. Isso é motivo para uma grande reflexão, haja vista que os motivos que levam a crimes passionais têm sido cada vez mais banais ultimamente, ao mesmo tempo em que são brutais.

Qual a contribuição que os ensinamentos religiosos, se não prezar por uma ressignificação positiva de seus discursos iniciais acerca do universo feminino, discursos esses que plantaram no imaginário das relações interpessoais a ideia de que há desigualdades entre homens e mulheres? Ou que devemos aceitar a diferença para vivermos melhor?

Esta pesquisa tem a finalidade de encontrar nas mensagens, por meio de leitura das narrativas presentes na linguagem religiosa, indicações de exclusão da mulher da Idade Média. Encontramos personagens que cada vez mais assumiam sua condição

híbrida para sobreviver, por isto eram classificadas como personagens “boas”, “más”. Às vezes este comportamento pode ser encontrado em uma mesma personagem, como é o caso de Maria Madalena que, na tradição cristã, tornou-se Santa Maria Madalena, cujo dia comemora-se em 22 de julho.

O livro “Maria Madalena revelada: a primeira apóstola e seu evangelho feminista” (WATTERSON, 2019, p.12), conta a história de uma mulher que escreveu um evangelho, mas o evangelho não foi publicado. Não sabemos como foi escrito, pois faltam páginas do início do evangelho. O que temos é diálogo, que faz parte da pergunta: “Então, Senhor, uma pessoa que tem uma visão, a vê com a alma ou com o espírito?” Tudo o que temos de sua resposta é esse início críptico ainda que provocador: “O Salvador respondeu: Uma pessoa não vê com a alma ou com o espírito, mas sim com a mente, que existe entre os dois.”

Se este livro for lido com um senso crítico é possível afirmar: no evangelho de Madalena, possivelmente, existiam assuntos que alguns não queriam que fossem conhecidos.

De acordo com WATTERSON; (2019, p.13), “Mente” não é o conceito moderno e dualístico de mente em que pensamos hoje em dia. Não é a mente desprovida de corpo. Embora seja uma palavra difícil de traduzir do grego, Na verdade, é melhor mantê-la em grego. (WATTERSON, 2019). Na primeira vez que me deparei com ela, pensei que fosse escrito em francês *nous*, mas em francês significa “nós”. *Nous*, em grego, significa o olho do coração; é a visão ou percepção da alma.

Finalmente o livro é formado de sete poderes, que é discutido pela autora com muita maestria sobre o conhecimento humano e uma parte do universo religioso.

3.3. O CRISTIANISMO PRIMITIVO

Para NOGUEIRA; (2018, p.60), existe um problema em precisar quando exatamente começou o cristianismo primitivo. São várias hipóteses de datas e acontecimentos, mas pode ter começado com o “Movimento do Cristianismo Primitivo”, com a pregação de Jesus de Nazaré, na Galileia no final dos anos 30, ou quando Jesus deixou de pregar uma mensagem judaica, e passou a pregar mensagens, nas quais ele era o centro. Outra dúvida que paira na mente do receptor: Qual o local da origem do Cristianismo? Foi em Jerusalém, depois da morte e ressurreição de Jesus, a qual seus discípulos comunicaram? Ou nos anos 40, quando

os ensinamentos de Jesus foram desenvolvidos na comunidade com as primeiras formas de cristologia? É difícil afirmar quando o Cristianismo passa a ser independente do Judaísmo, porque a formação religiosa de Jesus está nos conhecimentos do judaísmo, suas raízes.

Cristianismo primitivo é uma corrente de pensamento que tem a finalidade de narrar o campo de estudo do Cristianismo, nas origens dos seus limites, quando ele se refere à nomenclatura, à cronologia, às fontes e às relações deste com a história do mundo mediterrâneo e do universo religioso do Império Romano.

Para dar início à narrativa, NOGUEIRA; (2018, p.60) começou com a pergunta: Qual o nome mais adequado a este campo de estudo? Os nomes podem ser: Cristianismo Primitivo, Cristianismo Antigo, Novo Testamento, variações de alguns desses nomes no plural, Cristianismos originários. Seus nomes são definidos a partir das perspectivas com que são analisados: História da igreja (instituição), história das doutrinas, história social, história da difusão geográfica do movimento religioso.

Estudar sobre o Cristianismo Primitivo é conhecer o funcionamento de uma sociedade, seu sistema de linguagem, com temas, metáforas, narrativas, enredos, que nos permitiram conhecer a forma como as comunidades se organizavam, com suas identidades culturais e construções de mundo.

3.4. O JUDAÍSMO E ALGUNS RITOS DE PASSAGEM

De acordo com Congan (2007, p. 44), no Judaísmo dá-se grande ênfase aos estágios básicos do ciclo da vida do ser humano e à sua comemoração em moldes judaicos. Desde o nascimento até a morte, existe um ritual para tudo.

Aos oito dias de nascido, o menino é levado para a comunidade judaica e participa da aliança desta com Deus ao ser circuncidado ritualmente no *brit milah* (aliança da circuncisão), na qual recebe seu nome. As meninas também são acolhidas pelo povo judeu e recebem seu nome num serviço de *shabat*. Ultimamente, porém, alguns judeus criaram cerimônias mais semelhantes ao *brit milah* para celebrar o nascimento de uma filha: as *simchat bat* (alegrar-se com uma filha) ou *brit bat* (aliança da filha).

Acontece desde a Idade Média, a chegada de um menino à maturidade religiosa é comemorada na cerimônia do *bar mitzvah* (filho da aliança), na qual o menino é

chamado para ler a Torá pela primeira vez. Os judeus liberais também concedem essa honra às meninas numa cerimônia equivalente, a *bat mitzvah* (filha da aliança).

No Judaísmo, a cerimônia de casamento tem três partes principais: primeiro há a assinatura de um contrato de casamento que une legalmente (*Ketubbah*), que ocorre, quase sempre, mas não obrigatoriamente, na sinagoga. É escrito tradicionalmente em aramaico. A seguir vem a cerimônia do anel, ou *huppah*, cujo nome provém do dossel portátil de casamento usado na cerimônia. O *huppah* também é realizado normalmente na sinagoga. A última etapa é o *yhud*, quando o casal fica sozinho tradicionalmente para consumir o casamento, embora hoje em dia esse tempo sirva mais como um espaço de calma durante um dia agitado. Infelizmente, também pode ocorrer o mandado de divórcio (*get*), que deve ser combinado pelo casal. No Judaísmo tradicional apenas o homem pode pedir um *get*, mas a mulher pode solicitar um tribunal judaico para obrigar o ex-marido a fazê-lo.

O rito de passagem da morte, no Judaísmo, ocorre da seguinte forma: se o cidadão falecer proferindo o *Shema*, a principal profissão de fé do judaísmo, então seus parentes passaram uma semana de luto (*shiwah*). O funeral deve ocorrer idealmente um dia após o falecimento. A seguir tem mais um mês de luto menos intenso, que eles chamam de *sheloshim*. Depois deste período, deve-se voltar à vida normal, embora a tradição recomende passar dez meses de luto, período chamado de transição. O falecido é sempre lembrado no aniversário de sua morte (*yahrzeit*), através de uma oração do luto. Em todas estas ocasiões, recita-se um louvor a Deus, o *Kaddish* (Santificação), oração tradicional do luto.

Conhecer o Judaísmo e alguns ritos de passagens é entender seus rituais, que se estenderam para outras nações, pois vários rituais também fazem parte da cultura brasileira.

3.5. JESUS, UM SER ANTROPOLÓGICO

Sabemos que Jesus foi um ser revolucionário, atuou na transformação da sociedade em que viveu, por isso, suas ações podem ser consideradas relações antropológicas, pois as convivências que ele mantinha possuíam características excêntricas. Além disso, é preciso afirmar que seus ensinamentos só vieram a ter importância depois de sua morte e ressurreição. Após a morte de Jesus, até o apóstolo Paulo pregou o evangelho e divulgou o Cristianismo por meio do movimento judaico,

que recebeu o nome de Movimento de Jesus. Posteriormente, o Cristianismo ficou proibido. Essas características se encontram na parte do Cristianismo que discursava sobre a libertação da humanidade por meio da evangelização libertadora.

Na época em que viveu Jesus, o código escrito tinha o mesmo valor do código oral, ambos eram Lei ou instruções de Deus (Torá). Albert Nolan (1998) no ensaio “Jesus antes do Cristianismo” explicita esta relação dele com a lei.

Para Jesus, a Lei Mosaica era portadora de uma dialética, tanto servia como ensinamento como para uma pessoa oprimir seu semelhante. Ele apresentava uma concepção crítica do que fosse religião e seus ensinamentos, uma vez que procurou alterar as bases do conservadorismo judaico, posicionando-se ao lado dos mais fracos, pobres, oprimidos e excluídos.

Como toda mudança social traz consequências boas e más para o defensor de suas ideias, Jesus pagou com a morte por defender sua causa. Este fato não quer dizer que o conservadorismo judaico venceu, pois Jesus ressuscitou para validar o Cristo da Fé.

3.6 JESUS E AS MULHERES

A relação de Jesus com as mulheres é muito importante para os ensinamentos cristãos, porque suas convivências sociais eram diferentes e valorizavam as pessoas discriminadas socialmente, como por exemplo, as prostitutas, que eram produto da educação doméstica que recebiam, pois o mesmo pai que ensinava-lhes a Torá, também ensinava-lhes a prostituição. Não era um ensinamento explícito, mas, ensinar a mulher ser apenas doméstica e depender financeiramente pode ser uma forma indireta de fazê-la prostituta. Todo ser humano tem o direito e o dever de ser capaz de ganhar para manter-se.

Nessa época, a educação feminina distingue-se da educação masculina em tudo, até a forma como a religião era transmitida. “A menina evidentemente deve conhecer todos os preceitos negativos: Tu não farás... e os que se referem à sua condição; mas fora disso, quanto menos se lhe ensina, melhor é”. Deve saber ler o texto sagrado e ser capaz de interpretá-lo.

Foi nesse contexto histórico que nasceu Jesus, aprendendo estas discriminações contra o sexo feminino. Um machismo estrutural que nada contribui para o desenvolvimento da espécie humana e cria uma espécie com natureza inferior.

As mulheres nascem com potenciais de inteligência iguais ou maiores, mas são educadas de forma diferente, ocorrendo grande prejuízo para a humanidade e as nações em que vivem.

Possivelmente, Jesus percebeu essas diferenças educacionais e passou a dar tratamento não discriminatório para com as mulheres. Jesus não tinha título, mas tinha o dom divino da interpretação da semântica nas relações sociais, fato que lhe permitia o exercício das relações entre seres humanos de todas as espécies.

Entre esses seres humanos, podemos encontrar as pessoas “pecadoras”, “não pecadoras”, pessoas simples, compostas de homens e mulheres das classes pobres e subalternas, que viviam em situação de invisibilização e decadência material e espiritual. Como, por exemplo, as “prostitutas” que utilizavam a parte mais sagrada de seu ser para seu sustento. Essa forma de comportar-se era produto de uma cultura educacional, como já foi dito. As mulheres não eram ensinadas para ter uma profissão extra doméstica.

Essas pessoas estavam em quase e toda parte e Jesus convivia com elas sem discriminá-las; nos caminhos, Jesus encontra-se com a Samaritana. (João 3,4). Nesse diálogo, Jesus pede água a Samaritana, que lhe responde que não poderá fazê-lo, porque ele é judeu e ele não tem sequer um balde, e o poço é profundo.

Então Jesus disse que também poderá dar-lhe de beber, só que a água é um tipo diferente, é a água do conhecimento do Reino de Deus. Quem beber desta água nunca mais terá sede. Ela ficou admirada, porque nunca tinha ouvido semelhante argumento.

Outra surpresa foi no momento em que Jesus disse-lhe que fosse chamar seu marido e ela respondeu “não tenho marido”, e Jesus disse-lhe que ela tinha tido cinco maridos e o que tinha agora também não era seu marido. Depois Jesus desvenda-se para ela, dizendo que era o Messias enviado por Deus.

Outra ocasião que mostra a inexistência de preconceito e quebra de valores culturais opressores, praticada por Jesus, encontra-se no capítulo sobre a mulher adúltera (Jo. 8,3). Como foi dito, o adultério por parte do sexo feminino era crime. Os escribas pegam em flagrante uma mulher e levam-na até Jesus dizendo: “Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. Segundo a lei de Moisés, devemos apedrejá-la”. Então Jesus disse-lhes: “Aquele dentre vós que nunca pecou, atire-lhe a primeira pedra”.

Em sua curta existência, Jesus passou por diversas provas e tentações por parte dos que queriam saber se ele realmente possuía os dons divinos. No capítulo Lucas 7 (BÍBLIA SAGRADA, p.1313), encontramos um relato com o título “A pecadora que ungiu os pés de Jesus com suas lágrimas”, o fariseu ficou abismado porque Jesus não fez nada, por isso duvidou que ele realmente fosse um profeta, pois se o fosse saberia que se tratava de uma prostituta. Jesus adivinhou-lhe os pensamentos e disse-lhe: “Perdoa da mesma forma que perdoava os outros que tivessem fé”. Ele disse para a prostituta: “A tua fé te salvou”.

Jesus era um ser sempre envolvido com as mulheres, desde seu nascimento até a ressurreição (MT 28,9). Foram as mulheres que descobriram que Jesus não estava mais no sepulcro.

Em Lucas 9 (BÍBLIA SAGRADA, p.1318), Jesus prediz sua morte; quando ele diz para os discípulos: “O filho de Deus será respeitado pelos líderes do povo, sacerdotes e mestres da lei, morrerá e ressuscitará”.

Na inferência de Crossan (2014, p.61), os evangelhos de Jesus são inexatos, historicamente na maior parte. Na realidade, Jesus foi um camponês judeu do Mediterrâneo, filósofo estoico, anunciando e dramatizando o atual regime do Reino de Deus. A principal característica do Reino de Deus estava nas refeições que fazia com todos, fariseus e “pecadores”. No contexto do livro deste autor, nos quatro primeiros capítulos, são feitas análises sociológica e literária do mundo Mediterrâneo e do Império Romano. Os seis capítulos seguintes discutem um conjunto de circunstâncias do Antigo Testamento.

O que tem de importante nestas discussões é a dimensão política do Reino de Deus. O problema consiste em deixar de lado as abordagens sobre o aparecimento das tradições teológicas /escatológicas, presentes nas pregações da igreja primitiva, e entender Jesus somente à luz da dimensão política.

3.7. ANÁLISE DA CRISTALIZAÇÃO DOS DISCURSOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ASSOCIADOS AO CRISTIANISMO NA REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA

Segundo Orlandi (2001, p.36), a cristalização está ligada à paráfrase e praticamente não representa quaisquer alterações ou rupturas em termos ideológicos, pois os discursos cristalizados são encontrados em diversas atividades discursivas. A essas formas de existir, no mundo da escrita, chama-se análise do discurso de

paráfrase discursiva. O sentido das palavras é o mesmo, o que varia é a posição das palavras no texto e no discurso, do emissor e receptor da mensagem.

A modernidade é um momento em que as pessoas deviam ser pacíficas, pois já contam com grande acervo tecnológico e mais informações, que contribuem para maior desenvolvimento sociocultural. No entanto, ocorre muita violência que se estabelece por causa da disputa do poder físico entre homens e mulheres, e a religião às vezes usa técnica de apaziguamento que nem sempre é eficaz.

O artigo “Discurso Religioso e Violência de Gênero: Uma análise da Linguagem Episcopal no Periódico Conexão” (LEMOS, 2002, p.109-114) traz um dado estatístico: das mulheres que fizeram Boletim de Ocorrência, na Delegacia da Mulher, no estado de São Paulo, por terem sofrido violência doméstica, ocorreram 311.224 homicídios e ameaças, somente no ano de 2006. Provavelmente, o número de pessoas violentadas pode ser maior, pois existem mulheres que não denunciam, por medo da dependência financeira, emocional, até mesmo por filiação a grupos religiosos, que podem impedir de denúncia. Além da violência doméstica, existem outros tipos, que ultrapassam o círculo de suas relações sociais mais próximas, como na escola ou no trabalho.

Para piorar esta situação, os ensinamentos religiosos justificam a violência por meio de uma linguagem apaziguadora: “Ele te violenta por estar dominado por espíritos malignos”; “Tenha paciência, ore, clame ao Senhor, pois um dia ele vai deixar de bater”; “Foi Deus quem lhe deu este companheiro, e você como é mulher sábia, tem que respeitá-lo, até a morte”. Estes clichês religiosos são perigosos, porque incitam mais ainda a violência contra a mulher e alienam quem é vítima, por meio da religião.

No contexto de violência contra a mulher, existem mulheres violentadas que ainda justificam seus agressores por meio de expressões: “Ele me bateu porque eu não quis transar com ele”. Quando ela não reconhece o estupro: “eu fui estuprada, porque saí à noite só com roupa curta”. Com isto, elas desconsideram o direito individual de ir e vir sem ser incomodada, e é ainda uma atitude de autodepreciação.

Outra questão a ser discutida é “violência simbólica”, que se caracteriza por meio de signos, ritos, palavras, que foi bastante discutida no livro “A dominação masculina” BOUDIEU,(2009, p 46). Aliás, é muito relevante a afirmação “é tentar desculpar os homens por essa forma de violência”.

Vejamos as expressões religiosas: “Tenha paciência, ore: um dia ele vai deixar de bater”, são expressões que representam a classe dos opressores da mulher, que

contam com apoio da ideologia da submissão feminina que já vem do capítulo Gênese, ou de quem diz o seguinte “Estarás sobre o poder do marido e ele te dominará” ou a fala do apóstolo Paulo. “Não permito que a mulher aprenda nem ensine”. Quem não aprende e não ensina é nada. É este papel que a maioria das religiões determina pra o ser humano.

Essas ideias são contrárias à ideologia do Movimento Judaico Cristão liderado por Jesus, e outros discípulos e discipulas do qual Maria Madalena fazia parte. O objetivo do Movimento de discipulados de “iguais”, posiciona criticamente as pessoas serem iguais. Diziam que era também um movimento de discipulados e discipulas de pessoas chamadas pela sabedoria divina. Vejam o discurso de Jesus: “Sede vós as primeiras apóstolas para os apóstolos. Para que Pedro aprenda que eu posso escolher até mesmo mulheres como apóstolos” FIORENZA,(2016, p.7). De acordo com as mensagens sobre a fala de Jesus, nota-se a existência de conflito entre Jesus e Pedro por causa da existência de Maria Madalena e suas discipulas (a liderança feminina talvez incomodasse ao apóstolo Pedro). Depois da morte de Jesus, o apóstolo Pedro perguntou a Maria Madalena: “O que o Salvador (Jesus) revelou para você, que não nos revelou para nós? Porque Jesus ia confiar numa mulher um ser inferior?” Madalena percebe que eles não confiam nela.WATTERSON,(2019, p. 175)

Voltemos ao texto da pesquisadora Lemos (2002, p.109), o qual detém uma escrita diversificada, portadora de um dialogismo de várias vozes sobre violência, gênero e religião. Enfim, é uma espécie de grito de alerta, que pode gerar a pergunta: Qual o motivo que leva as mulheres vítimas de violência a continuarem com seus maridos? Ou seguirem fazendo parte de uma religião que lhes ensinam a subserviência? Primeiro é fazer parte de um grupo religioso, pois seus líderes religiosos aconselham a serem passivas, como se isto justificasse a violência. Outra resposta é a dependência financeira.

O artigo “A violência de gênero na sociedade brasileira” SAFFIOTI(, 1994, p.109) discute a violência como uma forma de controle social e reforça o poder do macho com suas práticas sociais que constroem relações de gênero violentas. Com tanta violência, a mulher perde a autoestima, perde sua dignidade e direitos fundamentais à vida, contribuindo para um sentimento de culpa, perde até o amor próprio.

Em seu artigo “Violência, gênero e religião”, LEMOS; (2002, p.110-114) fez uma análise sobre “A violência que não se vê”: “a violência que não se vê é penetrante,

imperceptível e sutil e provocada por um sistema social machista, com interesse de controlar os corpos das mulheres”. Para os homens, estes corpos representam desejos e objetos de prazer, meio de procriação, isto pode ser uma ameaça ao poder instituído. Como acontece esta violência? São várias formas, por meio da violência simbólica, por meio de ritos, palavras. Às vezes, a vítima nem percebe o que está acontecendo, pois é uma violência que pode vir por parte de pessoas religiosas, que podem ser confiáveis, porque são estabelecidas relações de amizade. Quem é vítima acredita que seus líderes religiosos, por meio do discurso da fé, não são capazes de serem violentos de forma passiva e dissimulada. Neste contexto entra a questão da confiança e da alienação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Exclusão de mulheres no texto bíblico” pode contribuir para as ciências das religiões, no sentido de observar o fenômeno religioso associado a fatos sociais, do cotidiano. Como objeto de estudo e pesquisa, com posicionamento crítico, diante dos ensinamentos religiosos: (formal e informal) destinados sobre a mulher, é um problema a ser pensado com seriedade, pois induzir a submissão e subserviência, e estar sobre o poder de alguém, ser oferecida para ser estuprada, ficar fora de si porque um espírito a incorporou, é uma prática indesejável para a mulher do século XXI. Pois ela já está cercada de um aparato tecnológico, que ajuda a esclarecer suas dúvidas que contribui para uma existência melhor.

Então visando uma vida melhor é preciso que as religiões sejam modernas, quando se trata de uma espécie tão especial como a mulher! Quando forem escolher os textos e as práticas religiosas exclusivas e inclusivas, para explicar o surgimento da humanidade, procurem textos que expliquem a vida, não usem explicações apenas por meios espirituais, pois a mulher é um ser muito especial, complexa e formada de matéria, espírito e cérebro, que direcionam sua existência.

O estudo do texto bíblico enquanto categoria de análise serve para identificar atitudes misóginas, feminicidas, existentes nas representações sociais da sociedade em que elas se encontram, ou nas sociedades que adotam este comportamento temporariamente, como modelo de vida. Na vida, é preciso ser seletivo, observar, analisar os fatos sociais, com sabedoria, para que as ações pedagógicas em nosso cotidiano não se tornem maléficas.

Algumas pessoas, precipitadas, entram em qualquer ritual religioso, participam dele, sem verificar sua utilidade, em sua prática diária. Afinal, temos o direito de sermos observadores do próximo, (pois também somos observados) antes de aceitar qualquer ensinamento, que faz parte do aspecto da fé das mensagens bíblicas, ou de qualquer outra religião. É bom pensar! Quando alguém diz: “estarás sobre o poder de alguém, este te dominará”, este ser que falou pode estar mal-intencionado, aconselha-se ficar precavido. Portanto, o texto bíblico é muito interessante, provavelmente seja o texto mais lido do mundo, pois as religiões que o adotam detêm o maior número de fiéis, afinal, não há bem sem mal.

Com esta atividade de pesquisa foi possível perceber e analisar as qualidades e os defeitos dos fenômenos religiosos, as interpretações errôneas das mensagens

bíblicas, principalmente nas narrativas dos capítulos Gênese, Levítico, Efésios, Juízes, as parábolas “A mulher exemplar” e “O Levita e sua concubina”, nas quais se referem às mulheres enquanto ser social não pensante.

As leituras dos textos bíblicos e dos teóricos, foram preciosas, cujas contribuições ampliaram a construção desta pesquisa, mostraram que é possível fazer a intertextualidade, desconstruir e construir, reconstruir mensagens bíblicas que contribuem para interpretações errôneas, que validam a violência de exclusões contra a mulher e incentivam a misoginia, situação de submissão e subserviência. Enfim, é preciso evitar a violência no mundo, embora algumas pessoas dizem que seu estilo de vida seja harmonioso, entre o ser humano e o universo.

O estudo do universo religioso é muito rico em termos de conhecimento para estudos comparativos entre outras culturas. Mas eis um problema: as traduções cujos significados nem sempre correspondem fielmente à língua do receptor das mensagens bíblicas. Por essa questão, os ensinamentos bíblicos nem sempre podem servir para o mundo ocidental, pois apesar de sermos uma cultura pluricultural, por causa da nossa “colonização”, ainda somos livres para escolher qual religião praticar, ou mesmo não praticar, valendo-se sempre do respeito às demais religiões.

As informações obtidas nesta pesquisa contribuíram para confirmar uma de nossas hipóteses: as ações pedagógicas de exclusão no texto bíblico podem contribuir para a violência contra o gênero feminino, e têm origem nos ensinamentos religiosos, principalmente o capítulo Gênese e os enunciados de apóstolos, que discriminam e excluem mulheres do universo bíblico, quando lhes convém, porque geralmente quem detém o discurso no universo religioso é a espécie masculina.

Portanto, percebemos como são tratadas as mulheres no texto bíblico. De acordo com as pesquisas, no mundo, nunca se matou tantas mulheres em nome do amor. Isso é motivo para uma grande reflexão, haja vista que os motivos que levam aos crimes passionais têm sido cada vez mais banais ultimamente, ao mesmo instante, em que são brutais. O ideal, então, é que haja contribuição dos ensinamentos religiosos para que reflitam, de forma justa, uma ressignificação positiva de seus discursos iniciais, acerca do universo feminino (discursos esses que plantaram, no imaginário das relações sociais, uma ideia de inferioridade feminina em relação ao masculino), que se busque uma igualdade teórica e prática nas relações humanas da sociedade em que vivem homens e mulheres.

Atualmente, nota-se o interesse de voltar alguns padrões sociais que estejam de acordo com a binaridade e não aceitar que também existiam às diferenças sexuais, talvez por isto exista a violência. No entanto, o mundo tem espaço para todos os tipos de pessoas e de gostos, basta querer viver em harmonia.

Em contrapartida, temos as organizações, instituições que se constituem como objetivo elementar das organizações sociais, que colaboram na construção de papéis atribuídos a homens e mulheres que influenciam nas expectativas que criamos e na forma como lidamos com o próximo e as diversidades existentes. São estes conceitos que nos permitem analisar e entender as diferenças, sejam essas sociais, econômicas ou políticas, próprias das relações humanas, que constroem a história e a cultura de uma sociedade, que procura englobar os comportamentos sociais e sexuais da sociedade em que vivem.

Sendo assim, esta pesquisa visou identificar e classificar elementos encontrados no texto bíblico, que foram úteis no reconhecimento de ações pedagógicas exclusivas, que integram o universo religioso para, finalmente, por meio da análise desses textos bíblicos, doutrinários e autoritários, possamos descrever representações de relações de gênero na linguagem bíblica, sobretudo, as que apresentam enaltecimento de um grupo em função da discriminação, e, até mesmo, escravização de outro, às vezes chega até à morte. Como é o caso do texto “O levita e sua concubina” (a personagem depois de morta foi cortada em doze partes, para ser comida). O “companheiro” entregou a mulher para ser violentada e estuprada, e o pai ofereceu a filha virgem para os homens perversos. Ou a parábola “A mulher exemplar” que é um manual hilariante de como a mulher deve se comportar, para agradar ao senhor.

Vale lembrar que o conceito de gênero aqui é bem diversificado e foi explorado em muitas leituras e reflexões, e explanado durante as análises dos textos bíblicos, o qual foi apresentado no decorrer da pesquisa. É fato que as violências simbólica, verbal e/ou física acometem cada vez mais as mulheres, em níveis alarmantes, e podem ser exemplificadas com a circuncisão feminina na Costa do Marfim, um dos países africanos. Muitas vezes, a circuncisão é praticada pelos próprios parentes masculinos e femininos das mulheres; e às vezes consiste em um ritual da religião local para retirar um órgão que possa lhe proporcionar prazer (o clitóris). Não há a intenção de sugerir solução para todos os problemas, nem traçar meios de erradicar

tal problemática; apenas suscitar reflexões, que já é uma espécie de denúncia, como as que são propostas nesta pesquisa..

Esta pesquisa está voltada para os veículos literários (porque a literatura é a transcrição do real e recriação da realidade) e religiosos, os quais fomentaram a desnaturalização, direta ou indiretamente, e denúncia da “supremacia” dos homens para com as mulheres, que é alimentada pela cultura do patriarcado. Esta exposição é uma forma de expor as raízes desse universo, mostrando as nuances de suas configurações. Por essa razão, cabe ressaltar que o referido trabalho tem grande valia para registrar o cotidiano de práticas dissimuladas, que se apoia em valores culturais arcaicos, de violência contra o gênero feminino.

Além disso, serviu para reflexões aqui abordadas, no que se refere às narrativas bíblicas. Essa foi a forma encontrada para satisfazer tanta curiosidade sobre o universo narrado, além da motivação de ler, escrever, reescrever, participar do assunto, de um universo que envolve muitas pessoas, e com isso conhecer autores que escreveram sobre exclusão no texto bíblico e a situação da mulher neste universo..

Finalmente, “Exclusão de mulheres no texto bíblico” é uma pesquisa bibliográfica, com um olhar sociológico sobre as relações de gênero, embasado de vários momentos reflexivos sobre uma parte do universo religioso, de regiões onde as pessoas se preocuparam em registrar o cotidiano de forma literária, com a recriação da realidade, em alguns momentos com fins educativos, como as parábolas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca. **O que é feminismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- AQUINO, São Tomás. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: edições Loyola. Tradução Ecumênica, Brasil, 1994.
- BAKHTIN, Mikail. (VOLOCHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova versão transformadora. São Paulo: Mundo cristão, 2013.
- BILIMORIA. **O que é o Subalterno da Filosofia da religião**. Tradução de Adauto Vilela, 2011.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Tradução de C. Perdigão da Silva. Lisboa: Vega, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOSI, Alfredo. **Dialética de colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992. BRASIL. **Constituição Federal**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. _____. **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Cria Mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.
- BULTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Nova Civilização Brasileira, 2003.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAMPBELL, J. **Às máscaras de Deus, Mitologia Oriental**. São Paulo: Palas Athena (digital Souce), 2014.
- CHARPENTIER, Etienne. **Para ler o antigo testamento**. Tradução de Benômio Lemos, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Amizade, Recusa do servir. In: CLASTRES, P.; LEFORT, C.; CHAUÍ, M. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do Cristianismo**: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. Tradução de Barbosa Theoto Lamber. São Paulo, 2004.

DABAT, Rufino; ÁVILA, Maria Betânia. **Gender**: an useful category of hystorical analyses. Recife: S.O.S. Corpo, 1991.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

EMERSON, Ralph Waldo. **The Selected Writing of Ralph Waldo Emerson**. Atkinson Brooks (Org.). New York: The Modern Library, 1968.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao Léu**: trajetórias da exclusão social. Rio de Janeiro: Andante, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIORENZA, Elizabeth Schusslerir, O chamado de Maria de Magdala e o nosso próprio chamado. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Ed. 489, 2016.

GRAMSCI, P. **Revista crítica marxista**. N. 39, 2014.

JUÍZES. Bíblia Sagrada. **O Levita e sua concubina**. Nova versão transformadora. São Paulo: Mundo cristão, 2013, p.341.

LEITE, Maria da Penha. **A Linguagem machista um endosso religioso**. João Pessoa, 2003.

LEMOS, Fernanda. A representação social da masculinidade da religiosidade contemporânea. **Revista Netmal**. São Paulo, 2008.

MARTINS, Izabel Cristina. **Saber Popular e Escolarização**: uma junção necessária nono seminário Paraibano. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa, UFPB, 2009.

MASFESOLIA, M.A. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva, Ed. Brasiliense, 1988.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo**. Ed. Paulus, 2018.

NOLAN, Albert. **Jesus antes do Cristianismo**. Editora Paulus, 1998.

PROVÉRBIOS 31:10-31. Bíblia Sagrada. **A Mulher Exemplar**. Nova versão transformadora. São Paulo: Mundo cristão, 2013.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril. 10 de junho de 1998.

RICOUER, Paul. **A Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Construindo a Profissionalização Docente**.

João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003.

RODRIGUES, José Albertino. **Emile Durkheim, sociologia**. 4ª ed, São Paulo: Ática, 1988.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emilio ou De Education**. V. 2. Berlim, 1762, p.116.

ROY, Ana. **Ser Mulher Mística**. São Paulo: Ática, 1995.

SAULNIER, Cristiane; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. 4ª ed. Paulus, 1979.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine.

STUDAR, Heloneida. **Mulher objeto de cama e mesa**. Petrópolis: Vozes, 1972.

STAM, Robert. **Da teoria literária à cultura de massa**. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992.

SILVA, Severino Celestino da. **Judaísmo**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.

TIMÓTEO. Bíblia sagrada. **Instruções e respeito do culto**. Nova versão transformadora. São Paulo: Mundo cristão, 2013, p.1513.

ANEXOS

ANEXO 1. O levita e sua concubina

Um homem da tribo de Levi estava viajando com uma mulher e os jumentos e tinha como destino a região montanhosa de Efraim. Chegaram à cidade de Gibeá, que fica no território de Benjamim, no país de Israel. Temporariamente o sol estava indo embora, então o homem decidiu ficar na cidade de Gilbeá. Era noite, “pararam ali para passar a noite, sentaram-se na praça da cidade, mas ninguém se ofereceu para hospedá-los. Mais tarde um idoso se ofereceu para ajudá-los, e perguntou de onde eram? E pra onde iam? O homem respondeu: “Estamos viajando de Belém para Judá, vamos para um lugar afastado, que fica na região montanhosa de Efraim, onde moro. Ninguém quis nos hospedar, embora tenhamos tudo o que precisamos; temos palha e forragem para os jumentos e bastantes vinhos para nós”. Então o idoso disse: “Vocês são bem vindos na minha casa, darei o que vocês precisarem. Não passem a noite na praça, de jeito nenhum”. Chegaram na casa do idoso, lavaram os pés comeram, beberam e ficaram alegres. Mas um grupo de homens perversos da cidade cercou a casa e bateram na porta e gritaram para o velho: “Traga para fora o homem que está hospedado com você para que tenhamos relações com ele”. Então o idoso saiu e disse: “Não, meus irmãos, não façam tamanha maldade. O homem é meu hóspede em minha casa, e uma coisa dessas seria uma vergonha. Tomem minha filha virgem e a concubina do homem. Eu as trarei e vocês poderão violentá-las e fazer o que desejarem, mas não façam uma coisa vergonhosa com meu hóspede”. Os perversos não deram atenção ao idoso, então o homem empurrou sua concubina, e eles abusaram dela e a estupraram a noite toda. Quando o sol chegou, os perversos soltaram a mulher, que foi encontrada pelo marido junto à porta da casa. O marido disse:” Levanta-se, vamos embora”. Ela não respondeu pois estava morta. Então o marido levou o corpo para dentro da casa, desmembrou-a, cortou o corpo em doze partes e enviou uma parte para cada tribo em todo o território de Israel.

JUÍZES. Bíblia Sagrada. **O Levita e sua concubina**. Nova versão transformadora. São Paulo: Mundo cristão, 2013, p.341.

ANEXO 2

A Mulher Exemplar

10 Uma esposa exemplar; feliz quem
a encontrar! É muito mais valiosa
que os rubis 11 seu marido tem plena
confiança nela nunca lhe falta coisa
alguma, 12 Ela só lhe faz o bem, e
nunca o mal, Todos os dias da sua
vida.

13 Escolhe a lã e o linho

E com prazer trabalha com as mãos

14 Como os navios mercantes, Ela traz de longe as suas
provisões. 15 Antes de clarear o dia ela se levanta. prepara
comida para todos os de casa, e dá tarefas às servas.

16 Ela avalia um campo e o compra; com o que
ganha planta uma vinha. 17 Entrega-se com vontade ao
seu trabalho, seus braços são fortes e vigorosos. 18

Administra bem o seu comércio lucrativo, e sua
lâmpada fica acesa durante a noite. 19 Nas mãos
segura o fuso e com os dedos pega a roca

20 Acolhe os necessitados e
estende as mãos aos pobres 21 Não
teme por seus familiares quando
chega a neve,

22 Faz cobertas para a sua cama;
veste-se de linho fino e de púrpura. 23

Seu marido é respeitado na porta
da cidade, onde toma assento
entre as autoridades da sua terra. 24

Ela faz vestes de linho e as vende,
fornece cintos aos comerciantes. 25

Reveste-se de força e dignidade;

Sorri diante do futuro. 26 Fala com
sabedoria e ensina com amor.

27 Cuida dos negócios de sua casa
E não dá lugar à preguiça.

28 Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo:

29 “Muitas mulheres são exemplares mas você a todas supera” 30 A beleza é enganosa, e a formosura é passageira; mas a mulher que teme ao SENHOR será elogiada.

31 Que ela receba a recompensa merecida, e as suas obras sejam elogiadas à porta da cidade.

PROVÉRBIOS 31:10-31. Bíblia Sagrada. **A Mulher Exemplar.** Nova versão transformadora. São Paulo: Mundo cristão, 2013.